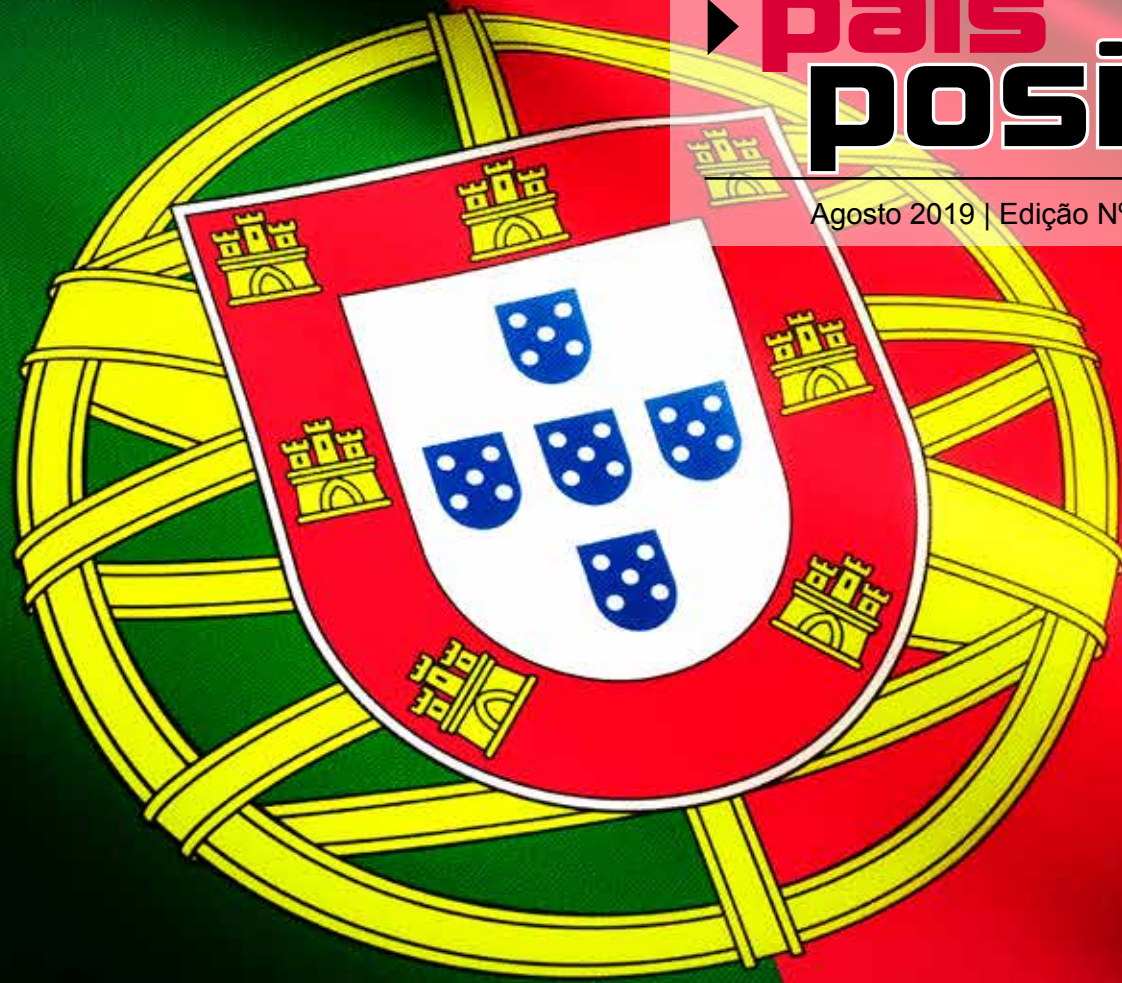


Seniores: A Nossa Herança Afetiva
Entrevista com Manuel Carrageta, Presidente da Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia

Entrevista de Ana Paula Vitorino, Ministra do Mar
“Portugal está a posicionar-se no grupo líder de países que defendem uma economia azul competitiva e sustentável”



Relações Bilaterais Portugal

Índia

Canadá



IV FEIRA DAS TECNOLOGIAS PARA A ENERGIA
ENERTECH
SABUGAL

SABUGAL, FONTE DE ENERGIA NATURAL
11 A 13 OUTUBRO.2019

enertech.cm-sabugal.pt



› Insight View

Faça crescer o seu negócio

Solicite um teste gratuito
durante 15 dias

Com o Insight View pode:

1. Encontrar **novos e bons clientes**.
2. **Analisar** a situação financeira das empresas.
3. **Minimizar o risco** de incumprimento das suas operações comerciais.

Essencial para as áreas
**financeiras, de marketing,
compras e riscos.**

Recomendado por
97% dos nossos clientes.

insightview.pt
21 358 88 77

O Insight View é uma solução avançada com informação empresarial de todo o mundo, para as áreas financeiras, de risco, marketing, vendas, compras e logística identificarem oportunidades de negócio e minimizarem os seus riscos.

Iberinform
Crédito y Caución

Tech it easy

ENERTECH: Os Desafios da Sustentabilidade e da Eficiência Energética

"A 4ª EDIÇÃO DA ENERTECH - FEIRA DAS TECNOLOGIAS PARA A ENERGIA DECORRERÁ NO SABUGAL, NOS DIAS 11, 12 E 13 OUTUBRO DE 2019, NO ÂMBITO DA ESTRATÉGIA "SABUGAL, FONTE DE ENERGIA NATURAL."

Os desafios energéticos que o País tem pela frente com o constante aumento de consumos de energia elétrica obriga a dinamização das políticas de sustentabilidade e de eficiência energética.

O vento, a água doce e água termal, a biomassa florestal, o parque eólico instalado, a barragem do Sabugal, que faz a transvase entre a bacia hidrográfica do Douro e do Tejo, irrigando a Cova da Beira, a nossa biodiversidade e as Termas do Cró são bons exemplos do aproveitamento já instalado nesta sequência, o Sabugal assumiu-se como este desafio através da realização da ENERTECH.

Organizada pelo Município do Sabugal através da unidade missão "Sabugal + VALOR- Desenvolvimento Rural" com os parceiros de organização a ADES (Associação Empresarial do Sabugal), ENERAREA (Agencia Regional de Energia e Ambiente do Interior), IPG (Instituto Politécnico da Guarda), IPCB (Instituto Politécnico de Castelo Branco) e UBI (Universidade da Beira Interior) a ENERTECH é uma feira/mostra marcadamente tecnológica virada para o setor das energias renováveis, tecnologias e eficiência energética.

A ENERTECH - FEIRA DAS TECNOLOGIAS PARA A ENERGIA, é hoje uma feira reconhecida e firmada no mercado, que procura em cada edição dar a conhecer o que de melhor se produz na área das energias, e é por essa razão que tem vindo a crescer ao longo das várias edições, tendo começado com 30 expositores em 2016 e previstos mais de 100 expositores para a edição 2019. Pretende-se essencialmente que este evento seja um espaço de partilha de conhecimentos, catalisador de negócios e de parcerias estratégicas, e também o local onde cada família, poderá passar algum tempo aproveitando para conhecer as multivariadas soluções energéticas disponíveis no mercado.

Mas este espaço não se encerra apenas nas energias renováveis é também um local de apresentação de produtos gastronómicos locais, com atividades para as diversas gerações.

Mais informações em:

<http://enertech.cm-sabugal.pt/>

mail: enertechsabugal@gmail.com

Facebook: www.facebook.com/enertechsabugal

Linkedin: Enertech Sabugal

Twitter: <https://twitter.com/enertechsabugal>



ENERTECH SABUGAL

IV FEIRA DAS TECNOLOGIAS PARA A ENERGIA

SABUGAL, FONTE DE ENERGIA NATURAL

11 A 13 OUTUBRO.2019

enertech.cm-sabugal.pt



“Portugal está a posicionar-se no grupo líder de países que defendem uma economia azul competitiva e sustentável”

EM ENTREVISTA MINISTRA DO MAR, ANA PAULA VITORINO, EXPLICA OS EIXOS ESTRATÉGICOS PARA POTENCIAR A ECONOMIA DO MAR



Ana Paula Vitorino, Ministra do Mar

Nestes quatro anos de mandato, quais são os projetos que podemos destacar?

Portugal ambiciona ter um papel relevante no desenvolvimento da economia azul. No início desta legislatura, o Governo traçou o objetivo de duplicar, até 2020, o peso da economia do mar no conjunto da economia portuguesa até cerca de 5% do produto interno bruto, algo que estamos já perto de conseguir em 2019.

Para cumprir esses objetivos definidos para se aproveitar o potencial que encerram os diferentes setores do mar, assumimos objetivos muito ambiciosos como o de tornar Portugal um hub logístico global do setor marítimo e portuário, ou o de criar pólos de inovação científica e tecnológica – os Port Tech Clusters –, para além dos objetivos de criar uma nova fileira exportadora de tecnologias energéticas ou, ainda, da aposta na bioeconomia, com metas precisas de produção.

Foi também feita uma aposta forte na bioeconomia, bem como nas atividades tradicionais da pesca, da aquicultura e da indústria de transformação do pescado. Desde o início, foi nossa convicção de que o desenvolvimento e a criação de valor nestas atividades teriam que passar por uma forte aposta diferenciadora na inovação e no desenvolvimento tecnológico. Por isso, definimos apoios específicos através do Programa Operacional Mar 2020, para a inovação no desenvolvimento da aquicultura e na transformação dos produtos de pesca e aquicultura, bem como, para a melhoria das condições de segurança a bordo e para a pesca ambientalmente sustentável.

Apostámos ainda fortemente na proteção do oceano, sendo de destacar o projeto de limpeza “Pesca por um Mar sem Lixo”, bem como na realização do Plano de Situação de Ordenamento do Espaço Marítimo (PSOEM), que é o primeiro a ser aprovado no espaço da União Europeia. Aprovámos ainda uma rede de Áreas Marinhas Protegidas, que representarão 14% do espaço marítimo nacional até 2020, e 30% até 2030.

Em que áreas estiveram envolvidos esses investimentos e qual o seu retorno?

O investimento aprovado na Economia do Mar, entre 2016 e 2019, através dos diversos instrumentos financeiros disponibilizados foi superior a mil milhões de euros, sendo que 71% deste volume é financiamento público.

Por outro lado, no setor portuário, a Estratégia para o Aumento da Competitividade da Rede de Portos Comerciais do Continente - Horizonte 2026, aprovada em 2017, definiu como grande objetivo colocar o sistema portuário nacional como hub logístico global dos grandes operadores mundiais, prevendo um crescimento de

200% na carga contentorizada e promovendo Portugal como hub Atlântico do Gás Natural Liquefeito (GNL) marítimo – com foco nos pipelines virtuais marítimos e abastecimento flutuante – para além do objetivo de criar os Port Tech Clusters, aceleradores das novas indústrias do mar instalados nos portos.

Esta estratégia para os portos nacionais assenta num conjunto de investimentos estratégicos em infraestruturas portuárias, em curso ou em fase de concurso, totalizando um investimento que pode ir até aos 2,5 mil milhões de euros nos principais portos comerciais do continente até 2026, sendo que a grande maioria desse investimento (83%) será privado, 11% do investimento será público nacional, e 6% será público comunitário.

E não poderia deixar de destacar os importantes avanços recentes obtidos nesta Estratégia para o Aumento da Competitividade da Rede de Portos Comerciais do Continente, nomeadamente nos projetos para o aumento da capacidade e eficiência do Porto de Sines, existindo já acordo para a expansão do Terminal XXI e tendo sido já publicado o Decreto Lei com as bases da concessão e autorização para o lançamento do concurso para atribuição da concessão para o novo Terminal Vasco da Gama.

Estes dois projetos, em conjunto, representarão um investimento total de 1,2 mil milhões de euros no Porto de Sines, totalmente privado, ao que se junta um investimento público de 100 milhões de euros, nomeadamente na implementação da Janela Única Logística (JUL) e na melhoria da ligação ferroviária.

A expansão do Terminal XXI, acordada com a concessionária PSA Sines, prevê um investimento global de 547 milhões de euros, a concretizar pela concessionária. Já o futuro Terminal Vasco da Gama representará um investimento de 642 milhões de euros, também a cargo da futura entidade concessionária. Com estes investimentos, o Porto de Sines ficará com capacidade para movimentar pelo menos 7,1 milhões de TEU. Para se ter uma ideia do que isto representa a nível global, apenas três portos europeus – Roterdão, Antuérpia e Hamburgo – movimentam hoje mais do que 7 milhões de TEU, e são cerca de 20 os portos mundiais com movimentação acima dessa fasquia, sendo que grande parte dos mesmos estão localizados na Ásia.

Mas não poderia deixar de mencionar também a aposta nas energias renováveis oceânicas, com destaque para a Estratégia Industrial e o Plano de Ação para as Energias Renováveis Oceânicas, a qual tem em vista uma nova fileira exportadora de tecnologias energéticas a partir da nossa indústria naval e que irá concretizar 254 milhões de euros de investimento, com um impacto de 280 milhões de euros no VAB e a criação de 1.500 postos de trabalho. Na materialização desta estratégia destaca-se o projeto WindFloat Atlantic, a primeira central de energia eólica flutuante à

escala mundial, atualmente em fase de implementação ao largo de Viana do Castelo, com uma capacidade instalada de 25 MW suficiente para abastecer 60.000 habitantes e um montante de investimento superior a 100 milhões de euros.

Quais os eixos estratégicos para potenciar a economia do Mar nas suas variadas vertentes?

Para atingir as metas ambiciosas que definimos para este mandato, há que primeiro que tudo compreender que todo o potencial do mar e a tradução do mesmo no crescimento das atividades económicas que dele derivam exige uma abordagem integrada, responsável e sustentável. Neste contexto, diria que os eixos estratégicos para desenvolver uma economia azul sustentável são o conhecimento, a inovação e a sustentabilidade.

O desafio do desenvolvimento sustentável exige compreender melhor o papel crucial do oceano e estabelecer uma abordagem sólida para a construção de conhecimento. A aposta deve ser no conhecimento científico e na sua aplicação na inovação tecnológica, bem como na cooperação multidisciplinar e internacional. Por essa razão definimos que a digitalização é uma prioridade para a transferência de conhecimento e que a cooperação multidisciplinar, de vários organismos, serviços e instituições associados ao mar, é determinante para acelerar a transferência de conhecimento entre o mundo científico e o empresarial.

Neste âmbito, gostaria de destacar um projeto pioneiro lançado pelo Ministério do Mar: o Blue Tech Accelerator – Ports & Shipping 4.0. Trata-se de uma iniciativa que tem como objetivo dinamizar startups na área do digital, da automação e da energia para o setor portuário e do shipping, procurando soluções inovadoras e disruptivas para os desafios já hoje identificados e na perspetivação do futuro.

Qual o balanço que podemos fazer, neste momento, em relação às várias valências e entidades tuteladas pelo ministério, como; infraestruturas, capital humano, formação específica, mercados, docas e à valorização do pescado? Quais os principais fatores a salientar?

De novembro de 2015, quando assumimos as responsabilidades no Ministério do Mar, até hoje, é caso para dizer que fizemos acontecer o mar, sendo evidentes os sinais de confiança e de investimento no setor.

Neste âmbito, o Programa Operacional Mar 2020 assume um papel essencial, enquanto instrumento de financiamento de investimentos e ações enquadrados nas referidas políticas e respetivos objetivos estratégicos. Quando este Governo tomou posse, todo o programa estava por implementar e apenas estava designado o gestor. Foi realizado todo o processo de implementação, bem como a respetiva regulamentação e alterações legais condicionantes à sua aprovação. Com um programa que partiu com 2 anos de atraso em relação ao início da programação e mais de um ano de atraso em relação aos demais programas de financiamento europeu, podemos afirmar que o Governo recuperou o tempo perdido e o Mar2020 está agora em velocidade de cruzeiro. A taxa de pagamentos do Mar 2020 aproxima-se já dos 40%, quase 10 pontos percentuais acima da média europeia, e bem à frente de outros estados membros com envelope financeiro superior ou aproximado, como a França, a Espanha, a Polónia, a Itália ou a Grécia.

Resolvemos um dos principais entraves à concretização da economia azul que era a falta de capacidade de financiamento, criando o Fundo Azul, ajudando a impulsionar e tornar realidade setores

como a biotecnologia azul, com a criação de produtos que utilizam a 100% recursos marinhos, por exemplo a partir das algas.

Estamos a contribuir para a requalificação e modernização dos portos de pesca, promovida pela Docapesca, com a especial atenção para os investimentos estruturais para garantir acesso ao mar com segurança e investimentos no âmbito da segurança alimentar, na eficiência dos sistemas de iluminação e na monitorização dos consumos, com o objetivo de contribuir para a sustentabilidade e segurança do setor.

Estamos, através do IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera), a desenvolver projetos que permitam melhorar o enquadramento científico da gestão dos recursos marinhos, estamos a iniciar experiências em aquicultura e a reforçar o conhecimento dos impactos das alterações climáticas.

Estamos a apoiar projetos no âmbito da Economia Circular Azul através da DGRM (Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos) para o desenvolvimento de soluções para dar resposta ao problema do lixo marinho, definimos a matriz de ordenamento do espaço marítimo nacional para o desenvolvimento económico sustentável das atividades da Economia do Mar através do PSOEM (Plano de Situação do Ordenamento do Espaço Marítimo).

Estamos, no âmbito do processo de extensão da plataforma continental, através da EMEPC (Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental), a desenvolver o processo de negociação da proposta portuguesa junto da Comissão de Limites da Plataforma Continental das Nações Unidas.

A nível das Administrações Portuárias, como referido atrás

estamos a apostar fortemente no aumento da capacidade, eficiência e competitividade dos nossos portos, implementando processos de melhoria da eficiência e modernização, com a segunda geração do VTS (Vessel Traffic System), a passagem da JUP (Janela Única Portuária) para a JUL (Janela Única Logística), englobando toda a cadeia logística, incluindo privados, ou com a implementação da Fatura Única Portuária. E no transporte marítimo, criámos o Tonnage Tax, colocando os registos de navios nacionais no top de eficiência dos registos de toda a União Europeia.

Já no que diz respeito à náutica de recreio, fizemos a maior simplificação de que há memória, digitalizando todos os procedimentos, tanto no que respeita a embarcações como no que respeita a cartas dos nautas, diminuindo drasticamente os tempos de resposta dos serviços públicos.

A articulação entre as várias entidades do Ministério do Mar é fundamental para uma governação sustentável do oceano e o desenvolvimento de uma verdadeira economia azul sustentável. Temos trabalhado com a perfeita consciência de que há muitos aspetos a melhorar, mas a nossa perceção é a de que temos os recursos competentes para uma gestão responsável das diferentes matérias.

Na sua opinião e em linhas gerais, o que poderá ser realizado para incrementar maior valor acrescentado a este setor e potenciar, ainda mais, esta aposta na valorização do pescado, do mercado e promover o consumo junto do cliente final?

Portugal está a posicionar-se no grupo líder de países que defendem uma economia azul competitiva e sustentável, apostando na inovação, na excelência operacional, na rentabilidade e no elevado desempenho ambiental como fatores de competitividade na exploração dos seus recursos marinhos.

No âmbito das pescas em particular, a sustentabilidade na gestão dos recursos é a matriz portuguesa e a nossa firme convicção de que a conservação dos recursos depende da sua exploração sustentável. Registe-se que, no Atlântico Nordeste, área em que Portugal se inclui, considera-se que, dos recursos com quota, 70% está a ser explorado de forma sustentável. Introduzimos uma nova prática que passa pelo acompanhamento científico dos estados dos stocks, realizando agora dois cruzeiros científicos por ano, que obtêm informação científica que nos tem permitido fazer planos de gestão das capturas mais adequados à realidade e fornecer informação científica ao ICES, viabilizando o desenvolvimento de algumas espécies em risco e, por outro lado, possibilitando aumentar as quotas com uma base científica.

No âmbito da aquicultura, temos promovido o desenvolvimento de uma aquicultura sustentável, através do investimento na investigação e desenvolvimento de práticas sustentáveis como os sistemas multi-tróficos. Para os produtos de aquicultura importa também promover o seu consumo, realçando o contributo para a segurança alimentar continuada de produtos frescos sustentáveis e de qualidade, como complemento ou alternativa dos produtos provenientes da pesca.



Não é o carapau que também dá para fazer de 1000 maneiras?

Claro. Uma delas é à la Pimentada!

O carapau da nossa costa é saboroso e versátil, bom de qualquer maneira. É saudável porque é rico em nutrientes, mas pobre em gordura. É sustentável porque existe com abundância no estado selvagem durante todo o ano. Vamos puxar a brasa ao nosso carapau.

#carapauéboaonda



Cofinanciado por:





Uma relação que nos une

O CANADÁ É UM IMPORTANTE MERCADO PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL PORTUGUÊS, SENDO DE RESSALVAR O SEU POTENCIAL DE CRESCIMENTO. AO LONGO DO PERÍODO 2013-2017, VERIFICOU-SE UM DESENVOLVIMENTO MÉDIO ANUAL DAS EXPORTAÇÕES E DAS IMPORTAÇÕES DE BENS E SERVIÇOS DE CERCA DE 14%.

A balança comercial de bens e serviços bilateral é favorável ao nosso país, tendo apresentado um saldo de 348 milhões de euros em 2017, a que correspondeu um coeficiente de cobertura das importações pelas exportações de 216,2%. As exportações de serviços representam cerca de 54% das exportações totais para o Canadá. O relacionamento da União Europeia com o Canadá rege-se pelo Acordo Económico e Comercial Global (CETA), em aplicação desde 21 de setembro de 2017 (isenções/reduções das taxas dos direitos aduaneiros na importação no Canadá).

Bruxelas e Otava estimam que terá um impacto anual de 12 mil milhões de euros para a União, com 508 milhões de habitantes, e de oito mil milhões de euros para o Canadá, que tem 35 milhões de habitantes.

A nossa história

A presença regular de portugueses neste território data do início do século XVI. Contudo, a imigração portuguesa para o Canadá só começou a ter expressão a partir de 1953, ano em que uma importante comunidade de portugueses se fixou no país. Entre 1953 e 1973, terão entrado no Canadá 91.583 portugueses, sendo 61,2% originários dos Açores. Em 2003, a Comunidade Portuguesa no Canadá celebrou o 50.º aniversário da imigração portuguesa. Em abril de 2016, havia 550 000 luso-canadianos a viver no Canadá, representando cerca de 2% do total da população canadiana. É uma comunidade bastante ativa e tem desempenhado um papel importante na promoção da divulgação da herança cultural e do passado histórico do nosso país. A comunidade orgulha-se do seu Real Canadian Portuguese Historical Museum fundado em março de 1986, e que funciona na vertente de galeria, para promover a investigação e análise sobre o património da comunidade luso-canadiana. Em outubro de 2013 foi distinguido pelo Heritage Toronto, na categoria de trabalho comunitário.

No campo diplomático é de assinalar a celebração a 28 de maio de 1954 de um acordo comercial com o Canadá em Lisboa; a 10 de abril de 1987, acordo entre o governo de Portugal e o Canadá sobre transporte aéreo e a 14 de junho de 1999, assinatura de um Acordo, para evitar a dupla tributação e prevenir a evasão fiscal em matéria de impostos sobre o rendimento com o Canadá. A primeira enviatura ocorreu a 12 de abril de 1952 quando Gonçalo Caldeira Coelho tomou posse como Encarregado de Negócios e assumiu a gerência da Legação. Os grupos de amizade parlamentar entre o Canadá e Portugal são ativos no Parlamento do Canadá e na Assembleia da República Portuguesa.



Curiosidades que nos aproxima!

Pedro da Silva, o qual chegou a Nouvelle France antes de 1673 e se radicou perto do rio São Lourenço, o que lhe permitiu trabalhar na descarga de navios e na entrega de mercadorias e, mais tarde, na de correspondência. Em 1705, o intendente de Nouvelle France nomeou-o primeiro correio daquele território. Por este motivo, os correios canadianos criaram no ano de 2003 um selo comemorativo cuja data de emissão coincidiu com a da chegada a Halifax do navio Saturnia que trouxe os primeiros imigrantes portugueses, ao abrigo de um acordo Luso-Canadiano

Eduardo António Alves, que se estabeleceu no sul do Ontário, alistou-se como intérprete do Exército Canadano, durante a I Guerra Mundial tendo merecido uma medalha militar de Portugal. Voltou a servir na Europa, na II Guerra Mundial, e foi agraciado com medalhas militares do Canadá.

Nelly Furtado, filha de emigrantes portugueses, mais propriamente da freguesia de Ponta Garça, São Miguel, Açores. Entre as suas canções mais bem-sucedidas está o seus primeiros singles, "I'm Like a Bird" (pelo qual ganhou um Grammy) e "Turn Off The Light", "Promiscuous" e "Say It Right" além de "All Good Things (Come to an End)" e "Give It To Me". Fez duetos com Timbaland, Da Weasel, Justin Timberlake, Jellestone, Juanes, Ivete Sangalo entre tantos outros. Cantou na final do Campeonato Europeu de futebol de 2004 em Lisboa o hino oficial da competição "Força".

Luso Canadiano. Foi o primeiro jornal em português que começou as suas publicações mensais em Montréal. O seu fundador, Henrique Tavares Bello, foi para o Canadá em 1955, com uma carta de chamada de parentes que já tinham emigrado para lá. Existem várias estações de rádio e televisão que emitem programas portugueses. Em Vancouver, a comunidade editou dois jornais, sendo O Mensageiro o primeiro bimensal a aparecer no Oeste Canadano.

Toronto, Canadá - Lisboa, Portugal



Portugal e Canadá: Uma relação que se mantém desde o século XVI e reforça laços em diversas áreas.

AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O CANADÁ E PORTUGAL FORAM OFICIALMENTE ESTABELECIDAS EM 1946, FORMALIZANDO ASSIM UMA LONGA HISTÓRIA DE INTERACÇÕES QUE REMONTA AO SÉCULO XVI. A NOSSA AMIZADE TEM PROSPERADO ATÉ HOJE. SOMOS PARCEIROS COM POSIÇÕES SEMELHANTES SOBRE QUESTÕES GLOBAIS DE RELEVÓ, INCLUINDO NAS ÁREAS DOS DIREITOS HUMANOS, IGUALDADE DE GÉNERO, ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E SUSTENTABILIDADE DOS OCEANOS. TRABALHAMOS IGUALMENTE BEM JUNTOS EM CONTEXTOS MULTILATERAIS, DEMONSTRANDO O COMPROMISSO QUE AMBOS OS PAÍSES TÊM COM UMA ORDEM INTERNACIONAL BASEADA EM REGRAS.

Canada Embaixada do Canadá

O Acordo Económico e Comercial Global (CETA) veio impulsionar o já significativo comércio bilateral de bens e serviços tal como os investimentos recíprocos geradores de emprego, reforçando ainda mais a nossa relação de proximidade. Em Dezembro de 2017, Portugal foi um dos primeiros Estados-Membros da UE a ratificar o CETA. Como consequência da eliminação de taxas e tarifas aduaneiras com a entrada em vigor do CETA, o comércio de mercadorias entre os dois países cresceu mais de 20% em 2018. A título de exemplo, as exportações de têxteis, vestuário e vinho portugueses para o Canadá estão a crescer, ao passo que os exportadores de peixe e marisco canadianos estão a procurar activamente oportunidades de negócio no mercado português. A visita do Primeiro-Ministro e de uma delegação empresarial da província da Nova Escócia em Maio de 2019 veio substanciar ainda mais este esforço. Também durante o recente Africa Energy Forum, que se realizou em Lisboa, mais de 60 empresas canadianas exploraram possíveis colaborações com as homólogas portuguesas em países terceiros, especialmente na África lusófona.

O investimento é um elemento dinâmico da nossa relação comercial, sendo que tanto o Canadá como Portugal acolhem investimento estrangeiro direto de origem mútua em diversos setores, desde as tecnologias de informação à transformação alimentar. Desde Dezembro de 2018, as empresas canadianas anunciaram já investimentos na ordem dos 260 milhões de euros em Portugal, acrescidos de uma presença já significativa neste país. De modo inverso, várias são as empresas portuguesas que estabeleceram as suas operações para o mercado norte-americano no Canadá, tirando assim partido do clima empresarial excepcional, da população altamente qualificada e das cidades de excelência a nível mundial. Durante a sua visita ao Canadá, em maio de 2018, o Sr. Primeiro-Ministro António Costa inaugurou um dos investimentos portugueses mais recentes, a unidade de processamento alimentar e de investigação e desenvolvimento de novos produtos da empresa Frulact em Kingston, Ontário. O Banco Mundial classificou recentemente o Canadá como o país onde é mais fácil



Embaixadora Lisa Rice Madan, embaixadora do Canadá em Portugal

iniciar um negócio no G20 e a OCDE coloca-o entre os cinco melhores países pelas suas condições gerais e qualidade de vida.

Os leitores estarão certamente familiarizados com a Web Summit que se realiza anualmente em Lisboa, contudo poderão desconhecer que a cidade de Toronto acolhe também o certame Collision, o "evento-irmão" da Web Summit na América do Norte. Estes eventos fortalecem os laços entre os nossos ecossistemas de start-ups. Cerca de 500 canadianos participaram na Web Summit em Novembro passado e mais de 40 empresas portuguesas participaram na Collision em Maio, tornando-a numa das maiores delegações nacionais presentes nesta conferência. A cidade de Toronto assinou recentemente dois Memorandos de Entendimento com a cidade de Lisboa, um para apoiar start-ups, e outro para promover a colaboração nas artes e cultura, educação e desenvolvimento económico.

Em Julho de 2018, de acordo com o grupo CBRE, Toronto criou mais empregos na área tecnológica nos últimos cinco anos do que qualquer outra cidade na América do Norte, estabelecendo-se assim como uma "cidade-incubadora de inovação". Os canadianos vêm inovando há séculos. O telefone, a lâmpada, a insulina, a lata de sardinha, o Super-homem e a digitalização 3D são inovações canadianas.

Para além de que a primeira mulher no mundo a concluir o mestrado em engenharia aeronáutica, a canadiana Elsie MacGill, foi pioneira na produção em massa de aeronaves. Orgulhamos-nos, por isso, de partilhar a nossa cultura de inovação. Temos uma longa história de sucesso na área de cooperação científica e tecnológica com Portugal no âmbito do Horizon 2020, que esperamos que se mantenha no próximo programa de investigação e inovação da União Europeia. A assinatura recente de dois Memorandos de Entendimento aeroespacial e de um Memorando de Entendimento de monitorização dos oceanos e partilha de dados ilustram ainda mais a amplitude da nossa cooperação bilateral.

Os nossos laços interpessoais, fomentados em grande parte pela diáspora portuguesa no Canadá, são hoje reforçados por essas comunidades dinâmicas, pelos milhares de canadianos que vivem em Portugal, e pelos muitos turistas, estudantes, empresários e familiares que cruzam diariamente o Atlântico. Em 2018, cerca de 300.000 canadianos visitaram Portugal, mais do dobro em relação aos últimos cinco anos. As suas viagens são facilitadas por mais ligações aéreas, uma vez que tanto a Air Canada Rouge como a Air Transat expandiram os seus serviços de Toronto e Montreal para Lisboa e Porto.

Estou particularmente satisfeita por ter sido anunciado o acordo bilateral de mobilidade para jovens entre os 18 e os 35 anos entre o Canadá e Portugal aquando da visita do Sr. Primeiro-Ministro António Costa ao Canadá. Este acordo permite o intercâmbio de jovens portugueses e canadianos entre os dois países até dois anos, seja em viagem ou trabalho. Como fruto deste acordo, os nossos jovens poderão aprender mais sobre as nossas respectivas cultura e sociedade, enquanto disfrutam de uma experiência internacional valiosa. Dadas estas fortes ligações, não é surpreendente que os nossos laços culturais sejam também profundos. Não só cantores canadianos famosos como Shawn Mendes e Nelly Furtado são de ascendência portuguesa, como também Portugal tem inspirado outros artistas canadianos como o Bryan Adams, o escritor vencedor do Man Booker Prize, Yann Martel (com o livro *The High Mountains of Portugal*), e o artista visual Luke Marston. Luke, de ascendência canadiana aborígine e portuguesa, celebrou recentemente os seus antepassados com duas belas esculturas em bronze em Vancouver e em Lisboa, esta localizada perto do Monumento aos Descobrimientos em Bélem. Para além disso, o Canadá foi o país convidado do Festival de Cinema de Animação Mostra 2019 e do festival de música Westway Lab, em Guimarães, no início deste ano. Portugal será também o país de destaque no 20º aniversário da maior feira de arte do Canadá, Art Toronto, já em Outubro!

Espero ansiosamente pela comemoração do 75º aniversário das nossas relações diplomáticas em 2021. Os nossos dois países têm muitos motivos de orgulho. São inúmeras as acções e contribuições conjuntas com impacto positivo na paz, segurança, prosperidade e artes a nível mundial. Estou confiante de que a lista continuará a crescer nos próximos anos.





SOMINCOR: Um Motor de Desenvolvimento no Baixo Alentejo

EMPRESA DE EXTRAÇÃO MINEIRA, DE CAPITAL CANADIANO, NEVES-CORVO É UMA MINA SUBTERRÂNEA ONDE EXISTEM CINCO JAZIGOS DE SULFURETOS MACIÇOS. KENNETH NORRIS, ADMINISTRADOR DELEGADO DA SOMINCOR (SOCIEDADE MINEIRA DE NEVES-CORVO, SA, EM ENTREVISTA, REALÇA A IMPORTÂNCIA DA EMPRESA PARA A ECONOMIA LOCAL COMO ALAVANCA DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO, SOCIAL E CRIADORA DE EMPREGO.

Como poderemos apresentar a SOMINCOR aos nossos leitores; a sua história e objetivos da empresa?

A SOMINCOR – Sociedade Mineira de Neves-Corvo S.A., foi constituída em 24 de julho de 1980 após ter sido descoberto, em 1977, um depósito de sulfuretos contendo quantidades significativas de metais básicos, predominantemente cobre, estanho e zinco. Neves-Corvo é uma mina subterrânea onde existem cinco jazigos de sulfuretos maciços: Neves, Corvo, Graça, Zambujal e Lombador.

A mina está localizada no Baixo Alentejo, na margem sul da Faixa Piritosa Ibérica, a cerca de 220 km a sudeste de Lisboa e a cerca de 15 km de Castro Verde.

A mina de Neves-Corvo está concessionada à SOMINCOR – Sociedade Mineira de Neves-Corvo S.A., que desde novembro de 2006 é subsidiária da Lundin Mining.

Em 1988, dá-se o início da exploração como resultado de uma joint venture entre o Estado Português e a multinacional Rio Tinto.

Em 1989, inicia-se a produção de cobre e em 1990 a produção de estanho. Em junho de 2004, a SOMINCOR foi adquirida pela Eurozinc Mining Corporation. Em 2006, inicia-se a produção de zinco. Em novembro de 2006, após a fusão entre a Eurozinc e a Lundin Mining, a SOMINCOR passa a integrar o Grupo Lundin Mining.

Desde então a gestão tem-se centrado na melhoria do desempenho operacional da mina e na exploração de novos recursos e reservas nas zonas adjacentes.

Atualmente, a Empresa produz concentrado de cobre, zinco e chumbo.



Kenneth Norris, Administrador Delegado da SOMINCOR





Missão e valores da empresa

A nossa missão, que é comum a todas as operações e ao próprio grupo Lundin Mining é: Extraímos metais-base imprescindíveis para a sociedade, de forma responsável, criando valor relevante para as partes interessadas.

Os nossos valores são:

- Segurança: mantemos a segurança e a saúde como prioridade maior em tudo o que fazemos
- Respeito: abraçamos a diversidade, a inclusão, o diálogo aberto e a colaboração.
- Integridade: fazemos o que está certo e honramos os nossos compromissos
- Excelência: estabelecemos padrões elevados e desafiamos-nos a manter um desempenho superior

O minério é processado no local e os rejeitados são depositados na Instalação de Resíduos do Cerro do Lobo a cerca de 3 km das lavarias. Os concentrados são expedidos para os clientes por via ferroviária (cobre e zinco) e rodoviária (chumbo).

A SOMINCOR é ainda proprietária de uma instalação no Porto de Setúbal situada a cerca de 150 km a norte da mina e a 50 km a sul de Lisboa. A SOMINCOR expede os seus concentrados a partir dessas instalações desde o início das operações, em 1989.

A casa mãe, a Lundin Mining é uma empresa Canadense de mineração presente na América do Norte, do Sul e Europa. Quais as suas valências e áreas de atuação?

A Lundin Mining é uma grupo canadiano, com sede em Toronto, que detém operações no Brasil, Chile, Estados Unidos da América, Portugal e Suécia e cuja atividade é a extração de minerais metálicos, principalmente de cobre, níquel, zinco e chumbo.

O setor de atividade mineira tem grande impacto na zona envolvente. Como poderemos caracterizar a

importância desta área de negócios nas zonas em que se enquadram, sendo que a maioria delas estão localizadas em locais de baixa densidade populacional?

A importância reside no facto de ao ser uma atividade geradora de emprego, permitir combater a desertificação destas zonas pois, por um lado aumenta a retenção e fixação da população em idade ativa e por outro, atrai novas pessoas para estas regiões na procura de melhores condições de vida.

Concorda que a SOMINCOR funciona como alavanca-gem local da economia, comunidade e essencial para a criação de emprego?

A nossa empresa, sendo um dos maiores empregadores da região do Baixo Alentejo, tem um papel fundamental no desenvolvimento económico e social de toda a região com maior ênfase na nossa área de influência que é constituída pelos municípios de Castro Verde, Almodôvar, Aljustrel, Mértola e Ourique.

Os impactos positivos gerados na região pela nossa atividade ganham maior expressão quando olhamos para os dados de emprego, ou seja, a empresa emprega de forma direta 1255 pessoas e 1700 de forma indireta. Estes números dão-nos uma dimensão da importância da SOMINCOR do ponto de vista da empregabilidade, o que se repercute necessariamente na economia local e em toda a região pois cerca de 85% dos nossos colaboradores são oriundos dos cinco municípios acima referidos.

Já percebemos da importância dada aos colaboradores e à responsabilidade social. O que poderemos mais dizer sobre estes dois aspetos?

A SOMINCOR está comprometida em desenvolver a sua atividade de uma forma socialmente responsável e sustentável no domínio interno e na relação com a envolvente.

Como subsidiária da Lundin Mining, a SOMINCOR adota o mesmo objetivo corporativo: conduzir a atividade de forma ética e transparente.

Diariamente, promovemos o alto desempenho operacional, através de uma cultura de envolvimento e comprometimento. Proporcionamos, assim, um ambiente de trabalho seguro, saudável, produtivo e motivador para todos os nossos colaboradores.

Demonstramos também esse compromisso através de investimen-

tos sociais significativos, na forma como nos relacionamos com os nossos stakeholders e como operamos na mina de Neves-Corvo.

Os nossos investimentos de âmbito social visam promover um desenvolvimento sustentável e proporcionar benefícios socioeconómicos nas comunidades circundantes à mina de Neves-Corvo.

Falando de projetos e futuro: Quais são as perspetivas que SOMINCOR tem a médio prazo?

A empresa pretende continuar a desenvolver a sua atividade de forma responsável e continuar a gerar valor para todas as partes interessadas, continuando a investir naquilo que é o seu core business e cuja face mais visível é o Projeto de Expansão do Zinco (ZEP) que estará a funcionar em velocidade de cruzeiro a partir do início do próximo ano e que constitui por si só um dos mais avultados investimentos realizados pelo setor empresarial nesta região nos últimos anos. Destaque-se, neste aspeto, que a SOMINCOR é uma das maiores exportadoras nacionais e que a sua importância e peso não é apenas local ou regional, mas também nacional. Estamos cientes desta nossa responsabilidade e queremos continuar a ser um veículo de desenvolvimento e inovação na economia portuguesa.

Projetos no âmbito da responsabilidade social/empresarial

Apoiamos as organizações locais:

Reconhecendo a nossa importância no contexto local e regional, apoiamos muitas organizações da economia social na prossecução da sua missão e objetivos junto dos seus públicos alvo.

Melhores práticas ambientais:

A SOMINCOR adota as melhores práticas na gestão ambiental, minimizando o impacto ambiental da exploração mineira.

Gestão responsável de recursos e resíduos:

A água, a energia e outros recursos são usados de forma eficiente e os resíduos são geridos de forma responsável.

Apoio a iniciativas de conservação e proteção ambiental:

A SOMINCOR apoia sistematicamente projetos neste âmbito com a colaboração de entidades locais, regionais e nacionais.



Um caminho marítimo que nos aproxima

FOI VASCO DA GAMA QUE NOS TORNOU MAIS PRÓXIMOS, COM A DESCOBERTA DO CAMINHO MARÍTIMO PARA A ÍNDIA. EM COMUM TEMOS UMA HISTÓRIA, PARTILHA DE TERRITÓRIO, UNIÃO DE POVOS. E JUNTOS SOMOS MAIS FORTES.

Relações diplomáticas Índia e Portugal

Em 1498, Vasco da Gama alcançou a Índia por via marítima, iniciando o período de presença histórica no subcontinente.

Foi celebrado em 25 de outubro de 1535, em Diu um "Contrato de paz" entre o rei de Guzarate e D. Nuno da Cunha, Governador da Índia.

Audiência concedida por Nehru ao Cônsul de Portugal em Bombaim, João de Lucena, em que se abordou a abertura das relações diplomáticas entre os dois países a 6 de janeiro de 1948.

A 22 de junho de 1949 concede-se o "agrément" para a nomeação de Ministro Plenipotenciário da Índia em Portugal, solicitado a 10 do mesmo mês.

Houve um corte de relações diplomáticas entre a União Indiana e Portugal na sequência da tomada de Goa, Damão e Diu pelas tropas indianas.

Nesta data, 31 de dezembro de 1974, restabelecem-se relações diplomáticas.

Em 1977 assina-se em Lisboa um Acordo comercial e de cooperação económica, industrial e técnica.

Convenção entre Portugal e a Índia para evitar a dupla tributação



e prevenir a evasão fiscal é realizada em 11 de setembro de 1998 A 3 de dezembro de 1998, Acordo de cooperação científica e tecnológica.

Primeira Enviatura

• A 27 de Janeiro de 1949, o Ministro Plenipotenciário Vasco Vieira Garin apresenta credenciais residente em Nova Deli.

As curiosidades no país da Espiritualidade

A indústria cinematográfica local é tão forte que ganhou até apelido: Bollywood. Mas a produção é bem diferente da que acontece em Hollywood. Até 2001, por exemplo, os filmes eram gravados sem som e, depois, dobrados em estúdio.

O festival hindu Kumbh Mela, que acontece quatro vezes a cada 12 anos, é o evento que mais reúne gente no mundo: em média, 100 milhões de pessoas participam de cada edição

No Estado de Madhya Pradesh, os polícias recebem um bônus salarial para deixar o bigode crescer

No Estado de Bengala Ocidental, as vacas devem usar um documento de identidade com foto

As religiões indianas são: *Hinduísmo*, *Budismo*, *Jainismo* e *Sikhismo*. O Hinduísmo é das religiões que compreende o maior número de adeptos no mundo.

As casas indianas costumam ter um santuário onde os atos de adoração envolvem oferenda de incenso, flores e frutos aos deuses.

Além de orações, os *mantras* (considerados sons poderosos e divinos) são praticados pelo povo indiano que têm o costume de fazer peregrinações ao rio Ganjes.

A divindade na Índia é composta por uma série de deuses; o Hinduísmo - principal religião nesse país - é politeísta. *Shiva* é o principal deus do Hinduísmo e é conhecido como o destruidor. Junto com *Brahma* (o criador) e *Vishnu* (o conservador) simbolizam a trindade hindu, a qual, representa a relação cíclica de destruição, criação e conservação.

Para o casamento, a noiva se prepara durante uma semana. As suas mãos, pés e braços são tatuados com a técnica da henna, cuja tinta permanece na pele apenas alguns dias. A tatuagem consiste nas letras do nome do seu noivo.

A noiva indiana não se veste de branco, mas sim roupas bastante coloridas, especialmente em tons avermelhados.

Sari, *kurta* e *dothi* são os nomes de algumas peças do vestuário indiano. O sari, que é uma grande peça de pano, é uma veste feminina que

pode ser amarrada de várias formas. A maneira como é vestida varia não só das regiões da Índia como do estatuto da mulher que a veste, de modo que esse traje transmite a sua classe social, bem como o seu estilo de vida.

O kurta e o dothi, por sua vez, são vestes masculinas.

A Índia é um país antiquíssimo. São milênios de história que forjam uma cultura rica e plural. Do degelo do Himalaia nos rios Ganges, Brahmaputra e Indo, formou-se uma planície fértil que foi lar de diversas civilizações por quase cinco mil anos: harappas, arianos, hunos, muçulmanos, portugueses, franceses, ingleses e muitos outros, dando ao país o título de "A Nação das Nações".

O subcontinente indiano é a região peninsular do sul da Ásia onde se situam os Estados da Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão. Por razões culturais e tectônicas, a ilha do Sri Lanka e o arquipélago das Maldivas podem também considerar-se como pertencentes ao subcontinente.

Essa região é o berço da chamada Civilização do Vale do Indo, derivada de várias tribos do período neolítico e considerada uma das primeiras concentrações urbanas do mundo. Entre os anos de 2500 e 1500 a.C., aproximadamente, a civilização prosperou em especial na chamada Índia Ocidental (atual Paquistão) e oeste da Índia, por meio principalmente de duas formas de subsistência muito bem-sucedidas: a produção agrícola e o comércio. Os centros principais da civilização eram as cidades-irmãs de Harappa e Morenjo-Daro, situada a 563 km ao sul do rio Indo. Mais de 40 cidades e aldeias entre as duas capitais utilizavam o mesmo sistema de pesos, as mesmas técnicas de construção com o uso de tijolos cozidos no forno, a mesma planificação urbana, os mesmos métodos de agricultura, tecelagem, criação e exploração de animais domesticados.



“Como embaixadora, o segredo está na espiritualidade”



सत्यमेव जयते

DEFENDE QUE A ESPIRITUALIDADE PODE SER O MOTOR PARA ALCANÇAR NOVOS RUMOS. SER EMBAIXADORA EM PORTUGAL TEM SIDO UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA, MAS SÃO AS PESSOAS QUE MAIS A APAIXONA, NANDINI SINGLA, EMBAIXADORA DA REPÚBLICA DA ÍNDIA EM PORTUGAL, REVELA-NOS COMO “UMA RAPARIGA DE UMA PEQUENA ALDEIA PODE IR LONGE.”



Nandini Singla, embaixadora da República da Índia em Portugal

e-Visa: Agora é mais fácil visitar a Índia

É frequente encontrarmos pessoas desejosas de visitar a Índia e agora pode pedir o seu visto electrónico (e-Visa) sem abandonar o conforto do seu lar! O e-Visa pode ser requerido para turismo, visitas informais, retiros de Yoga, tratamentos médicos, negócios e conferências patrocinadas pelo governo da Índia. Só precisa de um passaporte válido, o bilhete de regresso ou de continuação da viagem e dinheiro suficiente para usufruir ao máximo. Peça o e-Visa no período compreendido entre 4 dias a 4 meses antes da data da chegada à Índia. O processo é rápido, através do website <https://indianvisaonline.gov.in/evisa/tvoa.html>. Após preencher o formulário e efectuar o pagamento, a confirmação do visto é enviada para o seu e-mail. Leve consigo uma cópia deste documento pois terá de o mostrar à chegada, onde um elemento dos serviços de imigração registará os seus dados biométricos.

É Embaixadora da Índia em Portugal. Como tem sido esta experiência? O que mais gosta no nosso país?

Ser este o meu primeiro posto enquanto Embaixadora é uma honra e uma experiência extraordinária. Gosto de tudo em Portugal, da sua diversidade paisagística. É uma descoberta contínua mesmo vivendo aqui há 3 anos. Mas o que de mais gosto são as pessoas. O povo português é fantástico, amigável e acolhedor. Tenho 2 cães portugueses e adoro o facto das pessoas gostarem tanto de animais, é revelador do seu carácter.

Numa entrevista sua, refere que “como Embaixadora, o segredo está na espiritualidade”. Tem essa convicção?

Acredito de facto que o segredo é a espiritualidade: estar em paz e viver plenamente implica compreender a essência da vida. Esta é uma mensagem importantíssima que a Índia tem disseminado, enquanto Embaixadora da espiritualidade há séculos.

E falo em espiritualidade, não em religião, o que significa apenas estar em paz e viver com entusiasmo. É importante lembrar que cada um constrói a sua própria realidade, embora a tendência seja sempre culpar terceiros. Citando Mahatma Gandhi: “Ninguém me pode magoar sem o meu consentimento”, ou seja, controlo o que sinto, a minha reacção depende de mim. Esta mensagem é transmitida pelas tradições Indianas do yoga, ayurveda e meditação. Se todos vivessem desta forma.

Quando foi acreditada como Embaixadora da Índia em Portugal, o jornal Hindu escreveu que a sua nomeação mostrava “que uma rapariga de uma pequena aldeia pode ir longe”. O seu exemplo mostra que qualquer pessoa pode “ir longe”, independentemente do local onde nasceu? É um exemplo a seguir?

Absolutamente. As condições externas nunca determinam o que sentimos ou quem nos tornamos. É inteiramente connosco. O problema é tendermos a focar-nos na nossa realidade presente - especialmente se for negativa - e potenciarmos esse sentimento. Se nascemos numa localidade pequena, com poucas oportunidades, temos uma família que não nos encoraja ou uma infância com poucos recursos, e acreditarmos que isso determinará o nosso futuro, essa será sempre a nossa realidade.

Mas se acreditarmos nos nossos sonhos e estivermos dispostos a trabalhar por eles, veremos que o universo fará com que tal aconteça e nada nos limitará, porque o poder criativo do espírito humano é infinitamente maior. É ilimitado. O que mais desejamos concretizar-se-á. Significa estarmos atentos aos sinais que o mundo nos oferece, porque quando queremos mais temos que trilhar caminhos menos óbvios, optando conscientemente por percorrer aquele que o universo revela.

Por exemplo, se quisermos ser um diplomata, como eu queria apesar de ser de uma pequena localidade, não podemos esperar que o trabalho nos seja oferecido; temos de estar recetivos às pequenas mensagens que nos chegam, e nada nos deterá. Não importa se não frequentamos as melhores escolas. Importa apenas o que decidimos fazer com a nossa vida. Fico contente que me tenha colocado esta questão, espero que estas palavras inspirem outros jovens, especialmente raparigas que, como eu, cresceram em pequenas aldeias na Índia, onde as pessoas se esquecem de sonhar por acharem não ter direito a isso.

Nas relações bilaterais entre Portugal e a Índia, é essencial recordar a diáspora indiana em Portugal, com um peso significativo na economia nacional. Na sua opinião, como tem sido essa relação?

A diáspora indiana tem desempenhado um papel fundamental no fortalecimento das relações entre a Índia e Portugal. Temos uma grande comunidade indiana em Portugal, oriundos de Goa, Gujarat e recentemente do Punjab. São cerca de 80.000 e os números estão a aumentar de forma consistente. Até o número de turistas Indianos a visitar Portugal aumenta exponencialmente todos os anos. Estas ligações interpessoais são vitais ao fortalecimento da relação bilateral. O Primeiro Ministro António Costa, o primeiro Chefe de Governo de origem indiana no mundo ocidental, é o melhor exemplo disso: ele é um “Overseas Citizen of India”. Este tipo de relação de parentesco e sangue contribui para a aproximação dos países. A visita do Primeiro Ministro António Costa à Índia, em Janeiro de 2017, seguida da visita a Portugal do seu homólogo Narendra Modi, em Junho desse ano, impulsionaram o relacionamento, com mais de 20 acordos assinados, dos quais resultaram entendimentos em diversas áreas: defesa, startups, ciência e tecnologia, tecnologias de informação, espaço, energias renováveis, intercâmbio de jovens, agricultura, cultura, educação, entre outras.

Numa perspectiva económica e de investimento, como estão as relações entre Portugal e a Índia?

Com ambas as economias a crescer, também o comércio e o investimento têm crescido exponencialmente, atingindo quase os mil milhões de dólares por ano. Acredito que há potencial para aproximar ainda mais os dois países e criar parcerias alargadas em vários sectores. Na Índia temos algumas das maiores empresas portuguesas, tais como a MARTIFER na área da metalurgia e energia solar; EFACEC na maquinaria industrial; PETROTEC no retalho de produtos petrolíferos; uma fábrica de fibra ótica da VISABEIRA em parceria com a BIRLA GROUP; em sectores como o calçado, plásticos, moldes industriais e têxteis. Na semana passada, a empresa portuguesa VISION BOX inaugurou um projeto piloto em Nova Deli para a instalação de um sistema de reconhecimento facial biométrico, ao abrigo do programa

Digi Yatra, que permite aos passageiros viajarem sem necessidade de passaporte ou cartões de embarque. Já opera no Aeroporto Internacional de Bangalore e pretende-se aplicá-lo noutros aeroportos da Índia, uma vez que a Índia é um dos maiores mercados de aviação civil do mundo.

O investimento indiano em Portugal também é substancial, com mais de 200 milhões de euros, apesar de não termos um número exacto: grupos como o MGM, com vários hotéis no Continente e Ilhas; o SAKTHI GROUP no sector automóvel; TATA nas telecomunicações; ZOMATO, no sector alimentar; e companhias indianas de software, espaço, petroquímica, etc..

Estão a ser filmados mais filmes Indianos em Portugal, cerca de 6/7 por ano, incluindo grandes produções de Bollywood, e este país é hoje um destino atrativo para a fixação de indianos e muitos procuram o Golden Visa. Mas a maioria dos indianos que visitam Portugal são turistas, tendo o número aumentado quase 19% entre 2010 e 2016, ano em que mais de 31.000 indianos visitaram Portugal.

Os estudantes indianos querem vir para Portugal mas a barreira linguística impede-os de frequentar o ensino universitário, uma vez que a língua portuguesa prevalece. Nos mestrados, porque em inglês, a história é diferente: mais de 60 investigadores em institutos superiores e centros científicos/investigação. Seriam em maior número se as universidades portuguesas implementassem mais cursos em língua inglesa. Há também muitos Indianos a trabalhar nas áreas da hotelaria e turismo e na agricultura.

No site da Embaixada encontramos muita informação sobre uma panóplia de eventos que promovem o relacionamento entre os nossos países. Podemos falar de alguns?

A Embaixada organiza vários eventos (toda a informação pode ser consultada no nosso site), dos quais destaco:

Bolsas de estudo para cursos de Yoga, Ayurveda, música e dança Indianas, ministrados na Índia; Aulas de Yoga grátis, dadas por professora Indiana com mestrado em Yoga; Os programas “Know India” e “Know Goa” dão à diáspora a possibilidade de conhecer as suas raízes na Índia, para que possam voltar ao seu país de origem e conhecer a realidade actual, tradições, etc.; Celebrações dos 150 anos do nascimento de Mahatma Gandhi a 2 de Outubro com um grande espectáculo de música e dança. Iremos lançar o primeiro selo de Gandhi em khadi, o tecido que ele envergava. As celebrações chegarão ao Funchal, onde será colocado um busto de Gandhi, com a colaboração do Governo Regional da Madeira. Nas escolas, 500 crianças Portuguesas montarão lâmpadas solares provenientes da Índia, a distribuir por famílias carenciadas, como forma de espalhar a mensagem de Gandhi; Comemoração do 550º aniversário de Guru Nanak, o fundador da religião Sikh; Espectáculos de dança Kathakali em Lisboa.

InoCrowd: Porque “Todos os problemas, têm soluções”.

DE ORIGEM INDIANA, LANÇOU-SE COMO EMPRESÁRIA EM 2011, EM PLENA CRISE, SEMPRE COM A CERTEZA QUE OS SONHOS SE REALIZAM SE FORMOS DETERMINADOS NOS OBJETIVOS. A FILOSOFIA INDIANA ESTÁ PRESENTE NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL: A CALMA, O RESPEITO PELOS OUTROS, O ESPERAR PELO MOMENTO CERTO. EM ENTREVISTA SORAYA GADIT, CEO INOCROWD, CONTA-NOS O SEU PERCURSO COMO MULHER E EMPRESÁRIA. MAS TAMBÉM, OS DESAFIOS COMO CEO DE UMA EMPRESA COM UM CONCEITO INOVADOR, ONDE SE INTERLIGAM EMPRESAS E UMA COMUNIDADE DE SOLUCIONADORES/INVESTIGADORES COM CONHECIMENTO TÉCNICO PARA DESENVOLVER UMA SOLUÇÃO PARA CADA DESAFIO.



Soraya Gadit, CEO da InoCrowd

Quem é Soraya Gadit?

Tem um MBA pela AESE/IESE Business School e é Licenciada em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

É casada e tem um filho que estuda Medicina. Gosta de ler livros sobre gestão, liderança e motivação. Neste momento está a ler “As superpotências da Inteligência Artificial” e “O Monge que vendeu o Ferrari” de Robin Sharma. “A china, Silicon Valley e nova ordem mundial” de Kai-Fu Lee

Faz exercício físico todos os dias das 7.00 às 8.00 e gosta de acompanhar o marido no Paddle Surf.

Gostava de ser uma *ROLE Model* para entusiasmar as mulheres a serem mais empreendedoras e através da InoCrowd conseguir encontrar a cura para algumas doenças como a Tuberculose, Malária ou Cancro da Mama



De descendência Indiana, onde existe uma reivindicação crescente pela igualdade de género, considera que poderá ser um modelo para mulheres que lutam pela sua autonomia?

A avaliação do conceito de igualdade de género é fundamental para perceber, de que forma é que as economias e as sociedades prosperam. No relatório de 2018 do Fórum Económico Mundial vem descrito um estudo de benchmarking deste conceito realizado para 149 países e que se baseou na avaliação de quatro dimensões temáticas: Participação económica e oportunidade; Realização educacional; Saúde e Sobrevivência e Participação ativa na política.

Os resultados descritos neste relatório revelam que ainda existem diferenças significativas entre os 149 países avaliados, no que concerne à paridade entre sexos. Por exemplo e, em média, a maior disparidade de género está na participação ativa na política, que ainda hoje mantém uma lacuna de 77,1%. Em segundo lugar, em termos de disparidade, aparece a participação económica e oportunidade.

No universo dos 149 países avaliados, a Islândia é o país onde há mais paridade. Portugal situa-se na 37ª posição sendo que a Índia se situa na 108ª posição relativamente a este aspeto.

Respondendo diretamente à questão que coloca, penso que sim. Na verdade, apraz-me pensar que casos como o da InoCrowd possam servir de exemplos de sucesso, inspirando as mulheres indianas a lutarem pela sua autonomia. Contudo e para que essa mudança se verifique será necessária uma intervenção governamental consistente, que através da aplicação de metodologias e políticas específicas, conduza a um maior acesso de toda a população do sexo feminino, à educação superior e/ou diferenciada. Por outro lado, terá que existir uma mudança na cultura, ou seja, os homens terão que passar a partilhar com as mulheres, as tarefas domésticas, o cuidar

dos filhos ou outras tarefas não remuneradas, permitindo que estas dediquem mais tempo às atividades profissionais. São mudanças a este nível que proporcionam as condições para uma mulher ocupar um lugar de liderança numa empresa.

Mas a mudança também pode começar já, partindo de cada uma dessas mulheres. Por exemplo e para aquelas que já são mães e que têm filhos do sexo masculino, ensiná-los desde pequenos a ajudar nas tarefas domésticas ou a perceber a importância do conceito de paridade, em termos de desenvolvimento da economia de um país.

No caso da Soraya Gadit, o que a influencia da cultura indiana e toda a sua mística trouxe como know-how num âmbito pessoal e profissional?

Sempre li muito sobre os ensinamentos de Gandhi e ainda hoje me inspiro na sua calma e tolerância para com os outros, mas também, na sua persistência em alcançar os objetivos propostos. Deste modo, o exercício de associar a calma e a tolerância, à virtude de saber esperar pelo momento certo, sem nunca desistir à primeira, complementada também com uma perspetiva de “visualização de toda a floresta e não apenas de um grupo de árvores” têm-me ajudado, a curto e a longo prazo, a alcançar os objetivos que proponho aos colaboradores da minha empresa e também a mim própria, quer em termos profissionais ou na vida pessoal.

Com uma carreira de 15 anos na indústria farmacêutica, num mercado bastante competitivo. Qual foi o maior desafio para se lançar num projeto próprio?

Lancei a InoCrowd em 2011, em plena crise económica. Nessa altura ninguém pensava investir na área do marketing, quanto mais em Inovação. À data, o desafio mais importante que tinha pela frente era o de convencer os CEO’s das empresas portuguesas que as épocas de crise correspondem aos períodos mais indicados para se investir em inovação. Está comprovado que a verdadeira inovação gera vantagens competitivas, a médio e a longo prazo. Como tal, inovar torna-se essencial para a sustentabilidade das empresas e dos países, por representar

uma posição de vantagem em relação aos demais. À data, costumava apresentar às empresas um slide com a seguinte frase do autor Henry Chesbrough: “As instituições que não inovam morrem”. Sem dúvida, esse foi o meu maior desafio.

Adicionalmente, houve outros desafios relevantes que importa referir, como por exemplo, o problema de não ser levada muito a sério, por ser mulher ou pelo fato do meu curso superior ser o de Ciências Farmacêuticas, quando o que eu estava a lançar era uma empresa na área tecnológica...

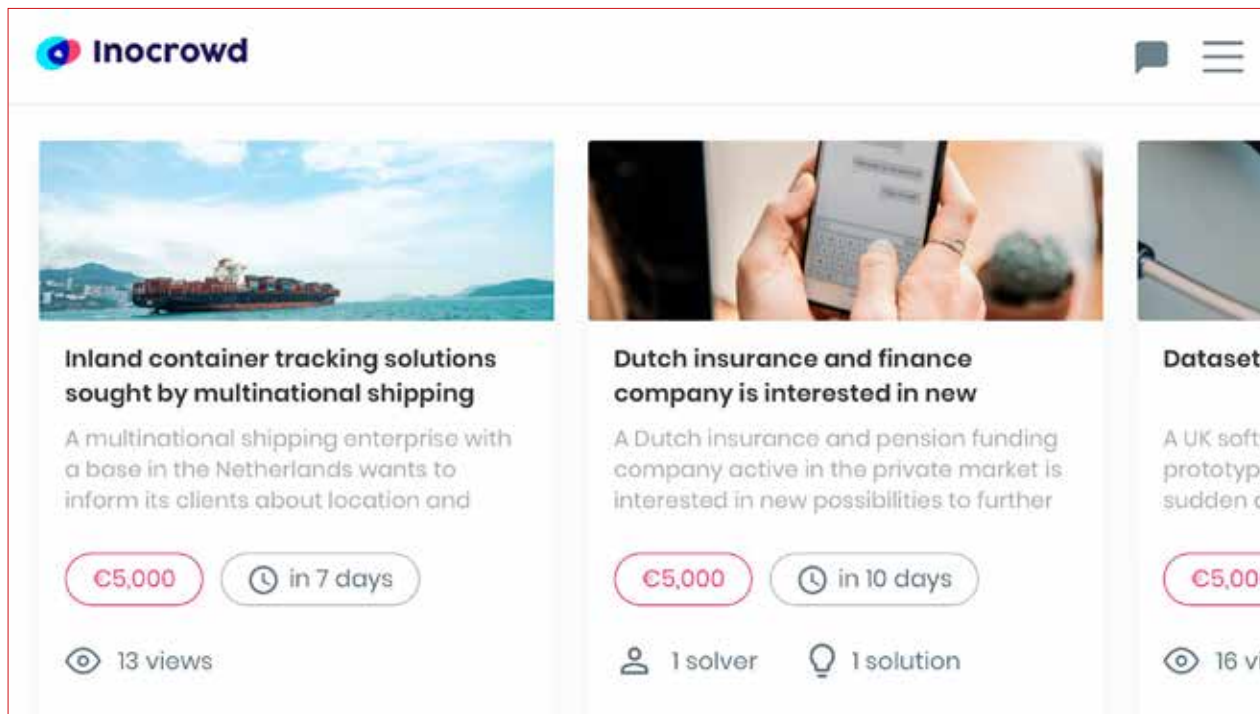
Como é ser mulher empreendedora num mercado maioritariamente masculino? Qual é a “receita” para o sucesso?

É trabalhar a 300% na minha empresa! Ser focada, pragmática e querer sempre alcançar mais do que me é solicitado ou proposto. É também rodear-me das pessoas certas, não só dos melhores colaboradores, como também, de mentores que me possam aconselhar nas decisões mais complexas. Os mentores são, de facto, uma mais valia para todos os empreendedores porque através das suas estratégias, conselhos, experiências, apontam-nos uma direção ou moldam a forma do nosso pensamento, o que nos permite obter bons resultados de uma forma mais rápida.

Na InoCrowd, o ambiente de trabalho é bastante informal e eu privilegio a partilha e debate dos problemas entre todos os colaboradores da empresa. Uma das máximas da InoCrowd é a seguinte: “Todos os problemas, têm soluções”.

Considera que no mercado tem acompanhado as conquistas do empreendedorismo feminino?

Em 2011, quase não se falava de empreendedorismo, quanto mais de empreendedorismo feminino. Atualmente, temos tido acesso com alguma frequência à divulgação, através dos meios de comunicação social, de variados casos de sucesso liderados por mulheres empreendedoras. Contudo e na minha opinião, ainda existem poucas mulheres empreendedoras em Portugal. Por exemplo e no setor das empresas tecnológicas contam-se pelos dedos das mãos, as mulheres com cargos de CEO’s. Importa referir também a importância da Inteligência Artificial.



Esta corresponde a um conjunto de tecnologias que possibilitam que as máquinas reproduzam alguns tipos de capacidades dos seres humanos, como: ouvir, ver, falar, mover-se, raciocinar, agir, prever e, principalmente, aprender com a experiência passada. Na minha opinião, as mulheres deveriam apostar nesta área do conhecimento. Regra geral, as mulheres são boas em lógica e em matemática possuindo também competências apuradas para as tarefas relacionadas com a organização, pelo que, esta área da inteligência artificial se revela promissora para o sexo feminino. Deste modo e, dirigindo-me especialmente às jovens leitoras que ainda estejam a ponderar quais as melhores profissões do futuro, aconselho-as vivamente a prosseguirem os seus estudos superiores nas áreas de matemática, engenharia informática ou afins, de forma a poderem participar ativamente nesta mudança de paradigma que estamos a assistir na sociedade atual.

Por outro lado e, por ser uma área de vanguarda e com enorme potencial, na medida em que os seus conceitos e princípios poderão ser aplicados ao desenvolvimento de qualquer área do conhecimento, desde a medicina, transportes, indústria, agricultura, comunicações, banca e finanças, à educação, a InoCrowd tem vindo a dinamizar e a valorizar a identificação de soluções tecnológicas que utilizem técnicas de Inteligência Artificial.

Como poderemos explicar aos nossos leitores o conceito do “Crowdsourcing”? E qual a sua missão?

O conceito do Crowdsourcing vem do seguinte lema: “Nem todos os génios trabalham na nossa empresa”. Com o advento das tecnologias de informação, faz todo o sentido irmos procurar soluções inovadoras para os problemas reais da nossa empresa, fora da nossa organização, na medida em que, deste modo, poderemos estar a aumentar as hipóteses de encontrar soluções com valor significativo e adequadas à nossa situação real.

Às vezes queremos inventar a roda quando a mesma já foi inventada. Uma vez colocaram um desafio à InoCrowd, no sentido de procurar uma solução que evitasse o amarelecimento da lã quando esta é submetida a temperaturas superiores a 50 graus centígrados. Isto acontece com frequência nos Países dos Emirados Árabes, nos quais os estofos dos carros topo de gama estão frequentemente expostos a temperaturas muito elevadas, devido às condições climáticas desses países. A

solução identificada pela InoCrowd e que resolvia este desafio veio de um investigador iraniano, que já tinha encontrado a resolução para este problema há mais de 10 anos. Contudo, a sua solução científica estava na “gaveta”, à espera de melhores dias. A solução baseava-se numa técnica de nanotecnologia e o assunto prosseguiu porque uma colaboradora que pertencia ao departamento científico deste investigador teve conhecimento do desafio divulgado pela Inocrowd, através das nossas publicações nas redes sociais. Posteriormente, os investigadores deste departamento iraniano efetuaram o seu registo na Plataforma Inocrowd, como “solvers” e submeteram a sua proposta de resolução na nossa plataforma tecnológica. Assim e em 60 dias, a InoCrowd identificou uma solução para resolver um problema que existe desde que o homem utiliza a lã para diferentes fins, ou seja, contribuímos para a concretização da resolução de um problema com muitos séculos de existência.

A InoCrowd surge como um modelo de negócio que tem por objetivo revolucionar o mercado da inovação e de transferência de conhecimento do mundo académico para as diversas áreas de negócio.

Projetos ou produtos em relevância

Ter encontrado uma solução que identifica passageiros que não têm título de transporte ou sem título de transporte válido para a Metro do Porto, eliminando a fraude.

Ter encontrado uma solução para o Aeroporto Francisco Sá Carneiro que impedia que alguns aviões apanhassem o sinal de GPS para saberem para que manga ou hangar se tinham de dirigir, atrasando os seus voos. Era uma situação que perturbava o aeroporto desde que este tinha sido construído. O problema residia numa interferência causada por um radar localizado no Porto de Leixões

Ter encontrado uma solução que evita a destruição de 6 carros por ano na Volkswagen. A Volkswagen tinha um problema relacionado com testes de qualidade que tinha de fazer em todos os modelos dos seus carros para avaliar a qualidade da soldadura por laser das carroçarias. A solução encontrada baseia-se num teste com correntes induzidas que permite a não destruição, reduzindo bastante os custos e aumentando a eficácia dos testes de qualidade.

Como este conceito pode imputar desenvolvimento estratégico para um mercado global?

A Inocrowd é um *market place* onde se conectam empresas (privadas ou públicas) com desafios de inovação ou problemas que não foram resolvidos in-house (os “Seekers”), a uma comunidade de solucionadores/investigadores com conhecimento técnico adequado à conceção e desenvolvimento de uma solução que resolve o desafio (os “Solvers”).

A nossa comunidade de solucionadores/investigadores cresceu muito nos últimos 2 anos. Passámos de 300 mil para 1.600.000 “Solvers”, os quais vêm das mais prestigiadas universidades, das melhores Start-Ups e Spin-Offs existindo também inventores provenientes de vários continentes. Este crescimento recente de “Solvers” deveu-se ao nosso investimento numa nova plataforma tecnológica, que tem incorporada técnicas de inteligência artificial, designadamente técnicas de “*machine learning*” que permitem à InoCrowd encontrar soluções em 4-6 semanas, com uma taxa de sucesso superior a 95%. Esta nova plataforma incorpora também a automatização de todos os procedimentos inerentes à colocação dos desafios, fornecendo também informação útil ao Seeker e ao Solver, enquanto decorre o desafio. O facto do nosso site ter os conteúdos traduzidos em cinco línguas (Português, Espanhol, Francês, Mandarim e Inglês) também ajuda na escalabilidade da nossa empresa.

Podemos dizer que esta plataforma poderá ser uma espécie de “rede social” do conhecimento, multiplicar as oportunidades de investimento e sucesso?

A inspiração para a criação da InoCrowd teve origem no Facebook e no LinkedIn. Na altura, pensei que se o LinkedIn podia conectar profissionais de todo o mundo e o Facebook podia ligar amigos e familiares, porque não conceber uma plataforma que ligasse os cientistas ou os investigadores pertencentes às universidades e que detêm o conhecimento, a organizações que necessitam de soluções inovadoras? É por isso que considero a InoCrowd, uma rede social de inovação.

Em relação ao investimento inicial, a Inocrowd tem crescido de forma exponencial. Qual a expectativa em relação ao potencial da empresa?

A minha expectativa é que a InoCrowd seja conhecida em todo o mundo, não só do lado dos “Solvers” mas também do lado dos “Seekers”, de forma a que estes últimos coloquem constantemente desafios de inovação na nossa plataforma, provenientes de qualquer país ou continente. A diversidade das áreas abrangidas e da origem do conhecimento também se afigura como uma vantagem competitiva.

A minha visão e expectativa é que a InoCrowd seja conhecida como a empresa que resolve problemas que a empresa já tem algum tempo e que é um *bottleneck* para a empresa .

Através das soluções que a InoCrowd identifica e apresenta, as empresas podem não só reduzir significativamente os seus custos, como também, aumentar os seus lucros, pela descoberta de novos modelos de negócio ou outras utilizações dos seus produtos e/ou serviços.

Quais as grandes apostas e projetos da Inocrowd a médio prazo?

A nível nacional, estamos a investir no desenvolvimento do negócio no setor da saúde. A nível internacional, estamos a apostar em desenvolver a InoCrowd, através da presença física de parceiros em todos os países que apostam mais em inovação. Já temos parceiros nos Estados Unidos, Japão, Índia, Brasil e Polónia. Por outro lado, estamos também a investir em metodologias baseadas no conceito de *Search Engine Optimization* (SEO) ou outras estratégias de marketing digital para conseguir expandir ainda mais a nossa comunidade de “Solvers” e “Seekers”.

Hinduísmo, filosofia que nos enriquece

“NASCI EM MOÇAMBIQUE E QUIS O DESTINO, EM 1976, QUE TIVESSE O PRIVILÉGIO DE VIR PARA PORTUGAL. NESTE MOMENTO, AO FAZER UMA RETROSPECTIVA SINTO UMA ENORME FELICIDADE E SINTO-ME REALIZADO POR TER DADO O MEU CONTRIBUTO QUER NA CRIAÇÃO DE RIQUEZA NO ASPETO ECONÓMICO, QUER CULTURAL. FUNDEI A DAN CAKE PORTUGAL S.A E LIDEREI O PROJETO DAQUILO QUE É HOJE O COMPLEXO RELIGIOSO E CULTURAL DA COMUNIDADE HINDU DE PORTUGAL.”

Kantilal Jamnadas, em entrevista, relata a sua experiência nesta missão à frente da Dan Cake e da comunidade Hindu.

Pioneiro na primeira indústria alimentar de produtos inovadores e de valor acrescentado em Portugal, criando postos de trabalho e exportando a maioria da sua produção. “Em 1978 criei a Dan Cake, que hoje dispõe de 2 fábricas em Portugal, empregamos mais de 500 pessoas e temos forte presença no mercado português; a exportação representa 75% da faturação e estamos presentes em 80 países com as nossas marcas ou do cliente e nas maiores cadeias do retalho mundial. Fruto de trabalho árduo fui distinguido em 2006 com o grau de Comendador da Ordem de Mérito Industrial pelo Presidente da República Dr. Jorge Sampaio e em 2018, aquando da comemoração do 40º aniversário da Dan Cake, O Presidente Marcelo Rebelo Sousa atribuiu-me as insígnias de Grande Oficial de Mérito Industrial, como reconhecimento pelo legado empresarial, social e pessoal.”

Conta-nos Kantilal Jamnadas.



Kantilal Jamnadas e a Sra. Vibhuti Jamnadas com o Primeiro-Ministro de Portugal, Dr. António Costa, e a Sra. Embaixadora da Índia, Dra. Nandini Singla, junto à estátua de Mahatma Gandhi com a sua mulher Kasturba. (Primeira estátua no mundo de Gandhi com a sua mulher)

“Para manter a tradição, cultura e identidade hindu abracei o Projeto da CHP e o compromisso de erguer um espaço único para a nossa comunidade.”

Na altura Kantilal Jamnadas liderou o projeto da criação da CHP e com o apoio da Presidente da C.M. Lisboa, Eng^o Krus Abecassis, obteve umas instalações provisórias em Sapadores; mais tarde foi adquirido um terreno no Lumiar, local onde foi edificado o Complexo Religioso e sócio-cultural da Comunidade Hindu De Portugal;

No entanto, fruto da necessidade de cremar o corpo dum jovem irmão, como é ritual na filosofia hindu, e não sendo, à data, tal permitido tornou-se imperioso ultrapassar vários obstáculos, passou pela aprovação da Lei da Cremação e a ativação do Crematório do Alto de S. João; hoje a cremação é uma prática normal e usada também em grande escala pela sociedade portuguesa.

“Como Presidente da CHP sempre me empenhei na defesa e divulgação da cultura, religião e valores que constituem a identidade hindu e que a todos nós nos enriquece;

A CHP reúne um conjunto de estruturas, onde se inclui o Templo Radha Khrisna; ali celebram e comemoram-se eventos em datas festivas, uma partilha da riqueza da filosofia milenar hindu, contribuindo para a elevação espiritual e cultural; prática de yoga; uma mais valia também para a cidade de Lisboa.” Conclui Kantilal Jamnadas.

O Complexo Religioso e Cultural da Comunidade Hindu de Portugal é um local aberto, sem restrições, à sociedade civil: trata-se dum espaço inter-religioso, aberto à sociedade e onde ainda recentemente, em Dezembro de 2017, se realizou a cerimónia de inauguração dos símbolos das Tradições religiosas presentes em Portugal, integrada no calendário inter-religioso e em colaboração com o Alto Comissariado para as migrações em Portugal; exemplo de respeito e harmonia entre os povos e que a CHP valoriza e pratica, como parte integrante da filosofia “Vasudhaiva Kutumbakam” ou seja, “O Mundo é uma Família”. A CHP promove ainda um conjunto vasto de atividades junto da sociedade civil, nomeadamente, relacionados com o Dia Internacional



Símbolos das tradições religiosas presentes em Portugal que podem ser visitados na CHP

do Yoga, Campanha de Doação de Sangue (celebrando o nascimento da Mahatma Gandhi a 2 de outubro), Festas de Lisboa, formação profissional entre outras.

“Portugal é um exemplo para o mundo pela forma como convive com todos, respeitando-os, independentemente da crença religiosa ou étnica; é uma felicidade aqui viver pelo que é nossa obrigação contribuir ativamente na sociedade civil, constituindo uma mais valia, demonstrando, assim, a nossa gratidão ao País que tão bem nos acolheu. Uma experiência única e à qual me entreguei de corpo e alma. Partindo do zero contruímos o complexo da CHP e está criado um legado que permite prosseguir no desenvolvimento e prestígio da nossa instituição. Um rumo que é minha visão para o futuro, pensando nos jovens e novas gerações, que permita a sua sustentabilidade económica-financeira e que passa pela criação duma unidade arquitetónica que reúna um vasto conjunto de equipamentos tais como uma residencial, um centro comercial (Little India) restaurantes vegetarianos e ainda um museu do hinduísmo.

No que diz respeito às relações da CHP com Portugal e Índia, estas são excelentes. Ainda em Junho de 2017 recebemos a visita conjunta à nossa Comunidade do 1º Ministro da Índia Shri Narendra Modi e do 1º Ministro de Portugal Dr. António Costa. O prestígio da CHP saiu reforçado, um contributo para o estreitamento das relações luso-indianas. Com a sr. Embaixadora da Índia em Portugal, Dra. Nandini Singla, temos as melhores relações institucionais e pessoais, amiga da CHP.” Finaliza Kantilal Jamnadas.



Primeiros Ministros de Portugal e Índia, Dr. António Costa e Shri Narendra Modi, com a Sra. Embaixadora da Índia, Dra. Nandini Singla, Sr. Kantilal Jamnadas e a Sra. Vibhuti e o Dr. Abdoool Magid Vakil, Presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, rodeados de outros líderes de outras comunidades durante a visita oficial à CHP

PASTELARIA
DAN CAKE
DESDE 1978

Receitas de Amor

dancake.pt DanCakePortugal

SAYDO-SHOES: A parceria perfeita entre dois países, produto e qualidade

NASCE UMA NOVA APOSTA NO MERCADO NO SETOR DO CALÇADO FEMININO, UMA NOVA MARCA COM ALCANCE INTERNACIONAL, QUE SE CARACTERIZA POR UM DESIGN MODERNO, ERGONÓMICO, "TECNICAMENTE EVOLUÍDO" E COM UMA ÓTIMA RELAÇÃO QUALIDADE/PREÇO. EM ENTREVISTA, FERNANDO BROGUEIRA, ADMINISTRADOR DA MOVEON, MOSTRA COMO A EMPRESA PRETENDE ABRAÇAR O MERCADO.



Como poderemos apresentar a MoveOn e a sua relação com a empresa Indiana TATA?

A MoveOn Componentes e Calçado SA é uma empresa portuguesa e pertence hoje à Multinacional Indiana TATA.

Na área do calçado, a história da TATA é relativamente recente e em menos de 10 anos transformou-se no segundo maior exportador de calçado da Índia.

A TATA tem dois objetivos a curto prazo, o primeiro e natural é tornar-se no número 1 de exportações na Índia e o segundo objetivo é o desenvolvimento de Marca(s) próprias.

O investimento estratégico na MoveOn teve como primeiro objetivo o de poder entrar nos mercados com marca própria, isto é, não só produzir para outras marcas, private label, mas também distribuir a nossa marca e com isso obter um maior valor acrescentado.

Atualmente, como a empresa desenvolve o seu percurso num mercado exigente e competitivo?

A MoveOn / TATA tinha a licença para desenvolver, produzir e comercializar a marca Aerosoles, na Europa, Índia e África do Sul, no entanto, a empresa detentora da marca Americana faliu o que provocou o término dessa licença.

Confrontada com esta nova situação a MoveOn / TATA decidiram enveredar pelo caminho mais longo e difícil que foi o de criar a sua própria marca, Saydo, mas será o caminho que seguramente dará maior satisfação e melhores resultados a longo prazo. O momento não é o mais fácil para implementação de uma nova marca pois estamos a viver num período de profunda mudança de hábitos de consumo e com uma nova perceção de valores, num mercado que muito evoluiu no seu passado recente e que continua em transformação, com o mundo digital a comandar a mudança a uma velocidade estonteante e, tudo à distância de um clique...

Usando todo o know-how acumulado durante anos, e sobretudo mantendo o nosso USP (Unique Selling Proposition) que é a nossa construção de "Stitch & Turn", e para melhor compreensão, sugerimos a visualização do vídeo disponibilizado no nosso site.

Como empresa com experiência neste setor de mercado, de que forma, podemos definir a linha de calçado feminino e o que a difere em relação aos seus concorrentes?

A Saydo é uma marca de sapatos confortáveis, flexíveis, leves, tecnicamente evoluídos, adaptados a todas as situações da vida de uma mulher dos nossos dias, com várias linhas modernas, usando sempre materiais de qualidade, mas apresentando-se no mercado a preços competitivos, isto é, com uma boa relação preço/qualidade.



Fernando Brogueira, administrador da empresa MoveOn/Tata

Para isso, dispomos hoje de toda uma estrutura montada e muito experiente, onde se destacam 3 áreas:

1. Desenvolvimento Produto

Uma área onde nos destacamos particularmente, pois dentro do nosso mercado, somos, reconhecidamente, uma das melhores e mais inovadoras equipas do mundo. Todas as áreas são importantes, desde a produção, a qualidade, a área financeira, etc., mas para nós, o Produto é fulcral, é aqui que fazemos a diferença! Por isso, o investimento nesta área tem um grande peso na nossa estrutura que maioritariamente é realizado em Portugal.

2. Produção

Temos hoje dois grandes centros de produção, um em Portugal e outro na Índia, são complementares e a forma como estão estruturados permitem uma flexibilidade e competitividade muito acima da média. Portugal tem a sua força na rapidez de resposta e na complexidade dos produtos produzidos, enquanto que a Índia tem como ponto forte o volume de produção e preços competitivos.

3. Comercialização

Temos uma boa rede de parceiros seja de distribuidores ou agentes, em vários mercados, mas sobretudo na Europa.

Qual a importância para a Saydo participar em feiras e eventos do setor a nível nacional e internacional?

Agora com a marca Saydo, podemos alargar as nossas operações, para além da Europa, por já não termos limitações geográficas devido a condições contratuais. Para isso, estamos a desenvolver várias diligências para aumentar o número de países onde a nossa marca estará presente.

Uma dessas iniciativas é nossa presença em grandes feiras inter-

nacionais de calçado conceituadas como a Micam. No entanto, com cada um dos nossos parceiros, participamos também noutros certames mais locais, feiras regionais, etc.

Estamos num mercado global. Como tal qual a grande aposta para marcar presença no mercado nacional e internacional?

A venda Online (www.saydo-shoes.com) é, sem dúvida, uma das nossas grandes apostas, iniciámos recentemente as vendas no mercado europeu, e a seu tempo iremos criar várias plataformas logísticas de expansão, seguir-se-á a da Índia, e assim que possível a dos EUA.

A loja Online foi lançada muito recentemente, estamos numa fase de testes, para que possamos melhorar o desempenho até ao início da próxima estação. Iremos paulatinamente disponibilizar e promover o nosso produto em vários países europeus e em vários idiomas, nesta primeira fase, os visitantes podem escolher entre Português e Inglês, e em breve, terão ao seu dispor outras línguas como o Espanhol, Italiano, Francês e Alemão. Hoje estamos presentes em vários mercados, não só da União Europeia, mas também noutros países, como, por exemplo, Rússia, Turquia, África do Sul, Austrália, e países do Médio Oriente e norte de África como Líbano, Marrocos, Argélia, Egito, Israel, Dubai, e, como não podia deixar de ser, o mercado Indiano.

Quanto ao mercado nacional, onde poderemos encontrar a nova coleção Saydo-Shoes?

No mercado nacional, o nosso produto e, numa primeira fase, está disponível no nosso site www.saydo-shoes.com e, já em setembro, estará na cadeia de lojas Portuguesa Foreva com a coleção Outono-Inverno 2019.

No futuro próximo, quais são os planos para a Saydo-Shoes?

Apesar do contexto difícil, em termos de mercado, e associado à fase de transição da Aerosoles para a Saydo, conseguimos em poucos meses dar uma resposta rápida aos nossos parceiros, alcançando, no primeiro ano, um volume de vendas de mais de 100.000 pares nas suas diversas linhas da marca Saydo, sendo um bom resultado tendo em conta a conjuntura.

Neste momento, a nossa estrutura está otimizada, focada num objetivo ambicioso, que passa por, em conjunto com os nossos parceiros, novos mercados

e com as vendas Online, atingir, dentro de 3 anos, um incremento de vendas de forma a chegar ao 1.000.000 pares, em todo o mundo. Para chegarmos aos nossos objetivos, iremo-nos concentrar em dois grandes mercados com potencial: América do Norte e a Índia, mas sem descurar o mercado asiático, nomeadamente Japão, onde já desenvolvemos alguns contactos e, em simultâneo, iremos continuar dedicados em crescer nos mercados onde já estamos presentes.

Descubra a coleção em:

www.saydo.com ou www.saydo-shoes.com



Coleção Saydo-Shoes

Envelhecimento: Um desafio à responsabilidade individual e coletiva

O AVANÇO DA MEDICINA E UMA MELHOR REDE DE CUIDADOS PRIMÁRIOS SÃO FATORES ESSENCIAIS PARA UMA MAIOR LONGEVIDADE COM QUALIDADE DE VIDA.

MANUEL CARRAGETA, PRESIDENTE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA ESCLARECE-NOS SOBRE OS DESAFIOS DESTA REALIDADE.



A Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia é uma instituição sem fins lucrativos que tem como objetivo estudar os aspetos clínicos, preventivos e sociais da doença nas idades avançadas, de forma a garantir mais saúde e melhores cuidados para este grupo etário, cada vez mais presente na prática clínica diária.

A Geriatria exige um trabalho multidisciplinar com geriatras, clínicos gerais, internistas, psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, assistentes sociais, farmacêuticos e outros especialistas hospitalares, para assegurar que os idosos recebam os melhores cuidados.

Isto é particularmente importante para uma população portuguesa, crescentemente envelhecida, que necessita cada vez mais de cuidados específicos de saúde e sociais para permanecer viva e ativa.

É reconhecido que uma das grandes conquistas do século XX foi o aumento espetacular da esperança de vida. Refira-se que esta, em Portugal, cresceu cerca de 30 anos nos últimos 50 anos do século XX

A breve história da Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia

A Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia (SPG) foi fundada pelo Dr. José Reis Jr., em Maio de 1951, a exemplo de outras Sociedades Científicas, que na época, foram nascendo, no âmbito da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa.

O Dr. José Reis Jr., foi o grande visionário e impulsor da medicina geriátrica em Portugal. Foi também um dos fundadores da International Association of Gerontology and Geriatrics (IAGG), e serviu, durante anos, como membro da Direção desta sociedade internacional de geriatria.

A 14 de Julho de 1978, a SPG foi refundada como Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia (SPGG), contando desde então com o apoio da Sociedade Espanhola de Geriatria e Gerontologia.

Em Outubro de 1980, o Dr. José Reis Jr. organizou o primeiro Congresso Português de Geriatria e Gerontologia em conjunto com as primeiras Jornadas Luso-Espanholas de Geriatria. A relação estreita com a Sociedade Espanhola de Geriatria e Gerontologia mantém-se desde então, sendo habitual a presença de oradores espanhóis nos Congressos Portugueses. Um curso online gratuito para cuidadores de pessoas idosas dependentes realiza-se todos os anos, simultaneamente, em Portugal e Espanha.



Prof. Doutor Manuel Oliveira Carrageta, Presidente da Sociedade Portuguesa de Geriatria e Gerontologia

e mesmo nos primeiros anos deste novo século continua a aumentar. Verifica-se que, em média, durante os últimos oitenta anos, a esperança de vida aumentou cerca de dois anos e meio por cada década que passa. A manter-se este ritmo de aumento da esperança de vida significa que as crianças nascidas nos últimos anos irão em grande proporção atingir os 100 anos. Lembremos que no início do século XX a esperança de vida era de 47 anos, e atualmente é de 79 para os homens e de 84 para as mulheres. Nós temos hoje 2 milhões de portugueses com mais de 65 anos e apenas um milhão e meio com menos de 14 anos

A prestação de cuidados saúde aos idosos constitui uma proporção cada vez maior da atividade clínica em Portugal. O grupo etário com mais de 65 anos constitui cerca de 20% da população portuguesa, para além de que é sobretudo o grupo com mais de 85 anos que mais cresce.

Estamos perante uma conquista incrível, em que nem tudo é positivo. Do nosso sucesso resultou também uma epidemia de doenças crónicas associadas ao envelhecimento. Esta população com idades mais avançadas traz novos desafios, resultantes da elevada prevalência das síndromes e doenças geriátricas, muitas das quais não são ainda completamente compreendidas, mas muitas são, pelo menos, parcialmente preveníveis. Estou a falar de uma série de doenças: doença de Alzheimer, doença de Parkinson, degenerescência macular da idade, osteoartroses, cancro, enfarte do miocárdio, insuficiência cardíaca, acidentes vasculares cerebrais, hipertrofia benigna da próstata, a síndrome de fragilidade, etc.

Devo referir que aquilo a que chamamos idade cronológica, e que tanto valor tem para a burocracia dos Estados, pode bem ser diferente da verdadeira idade. A esta, em medicina, chamamos a idade biológica, a que verdadeiramente define quão velhos estamos. Não quantos anos já vivemos, de acordo com o registado no cartão de cidadão, mas sim quão conservados, estamos do ponto de vista funcional.

Felizmente análises recentes mostram que a idade média de manifestação das várias doenças crónicas aumentou cerca de 10 anos durante os últimos 80 anos, o que indica que estamos não só a viver mais tempo que no passado, mas também a viver mais saudavelmente, ou seja, em melhor estado, mesmo nas idades mais avançadas. No passado, atingir uma idade muito avançada era quase considerado ser-se condenado a viver como velho durante muitos anos, pelo contrário, agora muitas pessoas estão a viver mais tempo, mas como jovens. Em rigor o que está a aumentar não é a velhice, mas antes a meia-idade. Perguntar-se-á, o que podemos fazer hoje, para além de procurar apoio médico regular, numa perspetiva de medicina preventiva, para conseguir ter uma maior longevidade e um envelhecimento saudável? Sabemos que, para isso, é particularmente importante ter uma alimentação saudável e praticar atividade física com regularidade. A vida

sedentária acelera o envelhecimento biológico, enquanto um estilo de vida fisicamente ativo tem um efeito marcadamente benéfico.

No que respeita à alimentação, destaco que a dieta mediterrânica é a dieta mais estudada e a que tem a melhor evidência de vantagens para a saúde. Diversos estudos recentes demonstraram os seus benefícios, nomeadamente na promoção do envelhecimento saudável. A adoção de um estilo de vida saudável é, pois, fundamental para assegurar com sucesso um envelhecimento ativo.

Hoje a prestação de cuidados médicos está organizada por órgãos, se tem um problema cardíaco vai ao cardiologista e ele consegue evitar o enfarte do miocárdio pelo controlo dos fatores de risco, como a pressão arterial e o colesterol. As doenças cardiovasculares estão a cair. Missão cumprida pela cardiologia, e isso é ótimo. Mas o problema é que a doente continua em risco de outras doenças, como o Alzheimer, hipertrofia benigna da próstata, cancro, etc.

Na sua opinião, o que podemos esperar do futuro?

No futuro vamos conseguir atuar com maior eficácia no envelhecimento, que é o maior fator de risco para todas as doenças. Nós iremos não só atacar o colesterol, a pressão arterial ou a diabetes, mas também os mecanismos de envelhecimento, o que irá ter um impacto profundo sobre todas as doenças. Será preciso uma abordagem, mais holística em que os médicos de família, internistas e geriatras terão um papel fundamental, e em que a medicina será mais preventiva que curativa.

Os ganhos na esperança de vida não são distribuídos igualmente em toda a população e quando falamos em aumento progressivo da longevidade estamos a referir às populações mais ricas e educadas. Pelo que um dos grandes desafios é reduzir a desigualdade na saúde e assegurar que os mais pobres também tenham uma vida mais longa e saudável.

Um dos maiores desafios para a nossa sociedade será o financiamento da dependência. As despesas devidas à perda de autonomia vão aumentar devido ao crescimento exponencial do número de pessoas com incapacidades, num país em que, como sabemos, os pagadores estão já muito sobrecarregados.

É também necessária uma adaptação dos nossos municípios aos efeitos do envelhecimento na população que é cada vez mais constituída por pessoas de idade avançada. Posso ser mais concreto. Uma pessoa muito idosa pode ser autónoma se viver no quarto andar de um prédio com elevador ou ficar dependente se esse prédio não tiver elevador. A ausência de bancos de rua nos passeios para as pessoas muito idosas poderem descansar durante as suas saídas de casa a pé ou a existência de períodos demasiado curtos dos sinais de trânsito, para as pessoas idosas terem tempo para atravessar as ruas com maior circulação automóvel, são exemplos de situações a corrigir. Viver em bairros sem comércio e centros de convívio, favorece o isolamento, um importante fator de risco de degradação física e intelectual.

A terminar, lembro que hoje é expectável que um homem ou mulher, por exemplo, de 70 anos viva, em média, mais duas décadas, que podem e devem ser disfrutadas com vitalidade e dignidade. Na sua oitava década de vida e nas seguintes, estes homens e mulheres, devem manter-se fisicamente ativos, mentalmente estimulados e socialmente envolvidos, para com a sua experiência e sabedoria, exercer uma influência benéfica na sociedade.



Uma tecnologia de nova geração para a sua pressão arterial.



MEDIDORES DE PRESSÃO ARTERIAL Linha RAPID

Um resultado **rápido e confortável** devido à tecnologia RAPID TECH™.
Uma tecnologia inovadora da Pic que faz a medição na fase da insuflação.



easyRAPID

Para uma medição tranquila da pressão arterial.
Toda a tecnologia Pic Solution em 3 teclas.
Simples, rigoroso e intuitivo.



Rapidez
Experiência de conforto



clearRAPID

Uma medição rigorosa e bastante avançada. Com bluetooth, sincroniza automaticamente com o seu smartphone e através da app Pic Health Station poderá ter um diário da sua pressão arterial sempre acessível.

Recomendados pela:
SOCIEDADE PORTUGUESA DE HIPERTENSÃO
Portuguese Society of Hypertension



À venda em farmácias e parafarmácias.

Os medidores de pressão arterial Pic Solution são dispositivos médicos.
Antes da sua utilização deve ler cuidadosamente a rotulagem e as instruções de utilização. Rev. 08/2019

www.picsolution.com/pt | [picsolutionportugal](https://www.facebook.com/picsolutionportugal) | [picsolutionpt](https://www.instagram.com/picsolutionpt)

É fácil com Pic!

Porque é preciso cuidar da nossa população sénior

EM ENTREVISTA, CARLOS BRANCO, PRESIDENTE DA COMISSÃO DE PROTEÇÃO AO IDOSO (CPI) EXPLICA O PAPEL DESTA ENTIDADE



Como poderemos apresentar a Comissão de Proteção ao Idoso (CPI) na sua missão, objetivos e área de atuação?

A Comissão de Proteção ao Idoso (CPI), Associação Regional do Norte, é uma organização da sociedade civil, de âmbito regional que surgiu em dezembro de 2013, da reflexão de um grupo de fundadores de diferentes áreas do saber. O objetivo primordial é a proteção e a promoção dos direitos da pessoa idosa, quando está em risco a sua segurança, saúde, direitos sociais e a dignidade humana. A sede é em Braga e tem como Missão orientar e dar apoio especializado, nas diferentes áreas disciplinares à pessoa idosa e ao cuidador.

Como intervém a CPI quer com parceiros, assim como, com a sociedade civil?

A CPI, apesar da legitimidade que lhe advém do reconhecimento do próprio trabalho social que desenvolve nas comunidades, não possui, todavia, um quadro legal de suporte para suas ações. Nesse sentido e de forma a por em prática o seu programa de ação, concebeu um modelo funcional com recurso à cooperação institucional com as Procuradorias da República das comarcas do Porto e Braga. As forças de segurança, APAV e municípios enquadradores da figura do Provedor do Idoso são pilares fundamentais desta cooperação estratégica.

permita-me destacar a figura do Provedor do Idoso - trata-se de uma pessoa oriunda da comunidade, com idoneidade e especial sensibilidade para as questões das pessoas idosas que se pretende que sirva de ligação entre a população sénior e as diversas instituições que atuam nesta área. Pretende-se igualmente que seja um elemento de ligação à autarquia, designadamente assegurando a representatividade da população sénior na definição das suas políticas para o envelhecimento. A CPI, perspectiva, assim, a sua intervenção numa lógica de trabalho em rede, envolvendo os stakeholders da comunidade com ação direta nas problemáticas relacionadas com a pessoa idosa.

Uma parte significativa da população idosa vive em zonas de reduzida densidade populacional, com a consequente restrição de serviços úteis, por outro lado, nas áreas metropolitanas existem as habitações desadequadas na questão da mobilidade, solidão e outros fatores transversais a toda a população sénior. Na sua opinião o que falta fazer para minorar estas situações?

Sem dúvida que há muito a fazer...

Desde logo uma mudança profunda ao nível das mentalidades, que passará inevitavelmente por uma mudança de paradigma em relação ao conceito da pessoa idosa. Urge romper com um conjunto de estereótipos associados aos mais velhos que os diminuem na sua autoestima e os limita de exercerem os seus direitos. Uma sociedade que se pretende moderna e humanizada, não pode tolerar a violação reiterada de direitos.

Como caracteriza, em termos gerais, em Portugal, a situação da população sénior?

Em termos demográficos, a população idosa representa, cerca de 20%, estimando-se que em 2080, segundo o INE, metade da população tenha mais de 65 anos. Os estudos indicam que as pessoas que nascem hoje viverão mais de 100 anos. Esta tendência acompanha a perspectiva da ONU que considera a tecnologia e longevidade as principais revoluções deste século. Isto dá que pensar... Os censos seniores da GNR apontam para um valor que ascende a um milhão de idosos que vivem em situação de solidão ou isolamento. No que concerne à violência contra pessoas idosas, a APAV registou um aumento de 30% de crimes contra idosos entre 2013 e 2016. Mais recentemente, a linha SOS Pessoa Idosa indica que em 2018 os casos reportados de violência aumentaram 20%. Penso que estes indicadores deverão ser analisados com prudência e deles deverão ser extraídas as conclusões necessárias com vista à tomada de medidas preventivas e corretivas.

Como poderá uma situação ser reportada à CPI?

Poderá fazer-se de 2 formas: Através do contacto telm 913987602 ou email, cpidoso@gmail.com ou através do Provedor do Idoso.

Pelo Envelhecimento Ativo

MARIA JOÃO QUINTELA PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PSICGERONTOLOGIA, ESCLARECE SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UM ENVELHECIMENTO COM QUALIDADE DE VIDA



O papel da Associação Portuguesa de Psicogerontologia na sociedade?

A Associação Portuguesa de Psicogerontologia tem tido várias intervenções, nomeadamente através de parcerias com universidades, institutos e outras entidades de ensino em que participamos nos cursos de formação para profissionais. E também desenvolvemos a chamada "formação às famílias", por exemplo, nos casos que a família tem de lidar com um caso de demência, uma incapacidade motora ou até depressão, nesse âmbito desenvolvemos várias ações no sentido de ir ao encontro das dúvidas e dificuldades das pessoas comuns. O que acontece regularmente é que as famílias desejam cuidar do seu familiar e não sabe como.

Um dos temas defendido pela Associação é o "Envelhecimento Ativo. Nos últimos anos tem-se assistido a uma maior preocupação, por parte de determinada camada da população idosa, em praticar atividade física. Mas, mas ainda existe uma franja considerável que não tem qualquer ocupação. Como podere-

mos colmatar esta situação?

Existe um grande desconhecimento sobre o fenómeno do envelhecimento. O grande problema que temos neste não é viver mais tempo, isso é um bem que foi sendo conquistado através da melhoria das condições de saúde, sociais e de educação. A nossa sociedade debate-se com a falta de renovação das gerações. Quanto maior a longevidade aumenta a probabilidade de existir fragilidades, mas há cada vez mais pessoas que têm uma boa qualidade de vida.

O conceito do envelhecimento ativo da Organização Mundial da Saúde (OMS), tem três pilares fundamentais: o primeiro é a saúde, a pessoa manter-se ativa, participativa, ter uma alimentação adequada e ter cuidados preventivos; o segundo, é a participação; muitas vezes a população sénior é identificada como já tendo vivido, não precisa de mais nada, agora é descanso. A participação social é fundamental, a sociedade ainda não se preparou para que estas pessoas que deixaram o designado "mercado de trabalho" continuem ativas e participativas. Com o risco de perderem funções e acabarem por adoecer. É importante mudar mentalidades e transformar a sociedade para exista forma de participação e de emprego para os mais velhos, no sentido em que esta população possa continuar a sentir-se útil e ativa.

O terceiro pilar é o da segurança, que não diz respeito somente à prevenção das quedas, da osteoporose ou o risco de fraturas. É sobretudo criar uma sociedade que seja menos agressiva para a população sénior e não discriminatória. Atualmente, através de dos estudos existentes realizados pela APAV (Associação de Apoio à Víctima), sabemos que há abuso de confiança, violência, maltrato do ponto de vista psicológico e social relativamente aos mais velhos. Assegurar estes três pilares através de políticas que permitam operacionalizar estes cuidados é primordial. Mas também, promover a solidariedade entre gerações, essa abertura da sociedade que permite ao cidadão sénior continuar a dar o seu contributo ativo. O que acontece? Hoje, assistimos a uma sociedade preconceituosa, que "empurra" as pessoas cada vez mais cedo para a inatividade, para a não participação, para a insegurança de vida. Devemos reforçar a ideia que a integração da população sénior é de extrema importância.

Dados que devemos ter em conta

Segundo dados do Eurostat, Portugal será um dos países da União Europeia com maior percentagem de idosos e menor percentagem de população ativa em 2050.

O Instituto Nacional de Estatística prevê igualmente que no ano de 2050, um terço da população portuguesa seja idosa e quase um milhão de pessoas tenha mais de 80 anos. Estes cálculos são feitos com base na tendência de envelhecimento da população, resultante do aumento da esperança de vida e da diminuição dos níveis de fecundidade.

Clínica Oftalmológica Rufino Silva: A qualidade ao serviço da saúde dos seus olhos

O ENVELHECIMENTO É INERENTE À VIDA, MAS HÁ SEMPRE UMA FORMA DE ATENUAR AS ALTERAÇÕES FÍSICAS RELACIONADAS COM A IDADE. O QUE PODEMOS FAZER PARA PROTEGER A NOSSA VISÃO? QUAIS AS PATOLOGIAS QUE AFETAM OS NOSSOS OLHOS?



Rufino Silva, médico oftalmologista e diretor da Clínica Oftalmológica Rufino Silva

Em entrevista, Rufino Silva, Médico Oftalmologista, Professor Associado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e Chefe de Serviço no Centro de Responsabilidade Integrado de Oftalmologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, explica como detetar e prevenir as doenças da retina.

A retina, a idade e a visão

A retina é um órgão nobre. Tem mecanismos próprios que impedem, por exemplo, que fique sem sangue quando há uma redução muito marcada da irrigação noutros órgãos. E, ao contrário do que se pensa, a retina é um dos órgãos que menos “envelhece”. Se vivermos até aos 100 anos (o que cada vez é mais frequente) perdemos menos de 20% dos fotorreceptores (células que captam a luz ou imagem que chega à retina e a transmitem para o cérebro como um impulso nervoso, permitindo assim que o cérebro a reconheça como imagens). Podemos perder alguma capacidade visual com a idade, mas a retina mantém capacidades funcionais suficientes para conduzir, ler, disfrutar uma paisagem ou admirar o rosto de um (bis)neto mesmo aos 100 anos. Em suma, na ausência de doença, podemos “envelhecer” sem grandes limitações visuais associadas à retina.

Quais as doenças da retina que mais provocam perda de visão com a idade?

São duas: A degenerescência macular da idade (DMI) e a retinopatia diabética. A DMI, é a primeira causa de cegueira, em Portugal, acima dos 65 anos. Por sua vez, a retinopatia diabética é a primeira causa de cegueira, em Portugal, na idade produtiva (dos 21 aos 65 anos). Só o seu médico Oftalmologista está preparado para diagnosticar e tratar estas doenças.

A DMI, tal como o nome indica está associada à idade. Apresenta-se de duas formas distintas: uma forma precoce em que há sinais da doença, mas os sintomas são quase impercetíveis (DMI precoce) e uma forma tardia. Esta forma tardia pode apresentar-se de duas formas: uma forma chamada “seca” ou atrofica (atrofia geográfica), em que há uma perda progressiva das células na parte central da retina (a mácula) e uma forma húmida em que há uma perda súbita da visão central (DMI exsudativa ou húmida, com aparecimento de vasos sanguíneos anormais que deixam sair fluido que lesa a retina). Nas duas formas pode existir cegueira central: a pessoa fica impossibilitada de ler, conduzir, ver televisão, identificar um rosto ou ver as horas. Em 50% dos casos as formas tardias ou avançadas da doença são bilaterais.

As formas precoces da doença estão presentes em cerca de 12% dos Portugueses com mais de 55 anos (cerca de 360 000) e as formas tardias em 1% (cerca de 30 000).

A retinopatia diabética é uma doença que se manifesta na presença de diabetes. As manifestações são progressivas e podem, por vezes, evoluir sem perda de visão significativa até uma fase muito avançada da doença e próxima da cegueira. Por isso, é um grave erro quando um doente diabético espera até ter perda de visão para consultar um médico oftalmologista. Em Portugal, existem cerca de 1.200.000 pessoas com diabetes, cerca de 300 000 com retinopatia diabética e aproximadamente 30 000 com perda de visão associada à retinopatia diabética.

Posso fazer algo para prevenir a perda de visão associada a estas doenças?

Sim. Sem dúvida. Na DMI há um conjunto de regras que são fundamentais. As formas precoces da doença cursam com poucos sintomas. É importante que uma pessoa com mais de 55 anos faça uma observação periódica regular no seu oftalmologista em cada 2 anos. Algumas medidas simples podem ajudar a prevenir o aparecimento da doença e a sua progressão para as formas tardias. Estas medidas incluem não fumar (ou deixar de fumar), fazer uma dieta saudável (a dieta mediterrânea tem um papel protetor) e praticar exercício físico regular. O tratamento com altas doses de vitaminas e antioxidantes reduz a taxa de progressão para as formas avançadas e tardias da doença.

As formas tardias exsudativas da DMI dão perda súbita e grave de visão. O primeiro sinal é, em regra, a distorção. Se uma pessoa com mais de 55 anos nota distorção (por exemplo; se as linhas retas de uma folha quadriculada, os rostos das pessoas ou os umbrais das portas aparecem distorcidos) deve consultar imediatamente o seu oftalmologista. Esta é uma manifestação inicial da doença. Esta forma da doença tem tratamento que permite estabilizar a situação e recuperar alguma da visão perdida. O aspeto mais importante nesta doença é iniciar o tratamento o mais precocemente possível.

A progressão para as formas tardias com atrofia geográfica e com cegueira é mais lenta que nas formas exsudativas ou húmidas (demora anos), mas em contrapartida, ainda não existe tratamento para esta forma da doença.

A cegueira que resulta da DMI avançada ou tardia, nas suas duas formas, é altamente incapacitante (impede a leitura, a condução, ver as horas ou a televisão) mas não é total. Uma pessoa com esta doença preserva a visão periférica que lhe permite orientar-se e ter uma autonomia relativa.

Em relação à retinopatia diabética a prevenção é ainda mais importante. Passa primeiro pelo bom controlo metabólico (inclui controlo da glicémia, tensão arterial, colesterol, peso) e exercício físico. Em relação à retina, devemos ter em consideração que a

perda de visão associada a esta doença é perfeitamente evitável se tudo for feito corretamente. Todos os diabéticos tipo 2 devem ser observados anualmente pelo seu oftalmologista (ou realizar o rastreio). Os diabéticos tipo 1, devem ser observados também anualmente a partir do início da puberdade ou 5 anos após o início da doença. O médico oftalmologista iniciará o tratamento quando houver critérios para tal.

Existe tratamento para a DMI e para a retinopatia diabética?

Felizmente sim. Na DMI existe tratamento apenas para as formas exsudativas ou húmidas. Os tratamentos com injeções intra-vitreas de anti-VEGF vieram revolucionar o tratamento desta doença e reduzir significativamente a taxa de cegueira associada. Alguns aspetos importantes associados à terapêutica incluem; um diagnóstico precoce, o início do tratamento imediato e um tratamento continuado (pode prolongar-se por vários anos) e terá que ser rigorosamente vigiado. O diagnóstico precoce antes de haver perda de visão significativa é extremamente importante. Quando se dá a progressão para as formas tardias exsudativas da doença, os doentes notam, na maioria dos casos, a distorção das imagens. Esta distorção é um sinal que não deve ser ignorado. De facto, ele permite fazer o diagnóstico mais precoce e iniciar o tratamento ainda antes de haver perda grave de visão. Quando tal sucede, em muitos casos, é possível preservar visão de leitura e de condução. Quando o doente inicia o tratamento já com perda grave de visão, o prognóstico não é tão favorável e é muito mais raro conseguir preservar a visão de leitura ou de condução.

Na retinopatia diabética, as possibilidades terapêuticas são mais alargadas, a perda de visão em regra é mais lenta. Quando todo o processo é bem conduzido, (o que inclui também o papel do doente na prevenção e na procura do acompanhamento regular pelo seu médico) é possível evitar a perda de visão na grande maioria dos casos. O tratamento pode incluir injeções intravitreas de anti-VEGF e/ou implantes de corticoides, laser e nos casos mais extremos cirurgia.

Apenas o médico oftalmologista está preparado para diagnosticar e tratar estas duas doenças da retina, causadoras de grave perda de visão e cegueira em Portugal.



CLIORS, LDA
RUA CÂMARA PESTANA, 37
3030-163 COIMBRA
TEL. 239 484 348
FAX 239 481 487
RUFINO.SILVA-CLINICA@OFTALMOLOGIA.CO.PT
WWW.OFTALMOLOGIA.CO.PT

Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (ISSSL): A formação é a grande aposta no futuro

FOI A PRIMEIRA ESCOLA DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL CRIADA EM PORTUGAL, NO ANO DE 1935, A FORMAÇÃO E A INVESTIGAÇÃO SÃO OS LEMAS DE QUEM PREPARA PROFISSIONAIS PARA UM MERCADO QUE PRECISA, CADA VEZ MAIS, DE DESENVOLVER RESPOSTAS PARA AS PESSOAS. EM ENTREVISTA, DUARTE VILAR, DIRETOR DO INSTITUTO SUPERIOR DE SERVIÇO SOCIAL DE LISBOA (INTEGRADO NA UNIVERSIDADE LUSÍADA) E DIRETOR DO CENTRO LUSÍADA DE INVESTIGAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL E INTERVENÇÃO SOCIAL, EXPLICA COMO A FORMAÇÃO PODE FAZER TODA A DIFERENÇA.



Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa



Duarte Gonçalo Rei Vilar, Diretor do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (Integrado na Universidade Lusíada) e Diretor do Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social

A Europa e Portugal debatem-se com um problema de envelhecimento da população. Quais os grandes desafios para enfrentar este processo de envelhecimento com qualidade de vida e com respostas eficientes na área da saúde?

Para responder a esta questão, começo por referir algumas questões de base que são, a meu ver, importantes.

Em 1º lugar, o envelhecimento é, uma conquista da humanidade que tem na base as melhorias nas condições de vida e no acesso à saúde por parte das populações, sobretudo nas últimas décadas. As pessoas vivem mais tempo e prolongam as suas vidas, e isso é bom, muito bom.

Hoje em dia, em Portugal, uma pessoa com 65 anos pode viver, em média, quase mais 19 anos. Provavelmente dentro de 10 anos, esta valor passará para cerca de 20 anos mais, ou seja, viver-se-á em média até aos 85 anos. E o número de pessoas que vivem para lá dos 90 ou mesmo dos 100 anos está e continuará a aumentar.

Em 2º lugar, ao alterar tão profundamente os nossos calendários de vida, o envelhecimento traz, novos desafios a todos nós.

Desde logo desafios para as pessoas idosas que enfrentam uma nova fase das suas vidas, com profundas mudanças no seu corpo e na sua saúde (aumento dos problemas de saúde), nas suas relações pessoais (menos autonomia e mais perdas relacionais) e no seu envolvimento social.

Depois, estes desafios exigem do Estado novas políticas e as respostas sociais dirigidas à população idosa que defendam os seus direitos e deem uma resposta de qualidade aos seus problemas. Finalmente, o envelhecimento traz novos desafios na própria relação entre as diferentes gerações humanas e, neste campo, há alguns problemas centrais que têm vindo recentemente a ser objeto de grandes debates públicos tais como: o isolamento social de uma parte importante da população idosa, a questão da sobrecarga dos cuidadores informais das pessoas idosas dependentes, e o fenómeno da violência contra pessoas idosas.

Assim, e respondendo à sua questão, o aumento da esperança média de vida com saúde e autonomia, a promoção do envelhecimento ativo, e a luta contra o isolamento, são os desafios principais que o envelhecimento coloca às próprias pessoas idosas e às sociedades.

Concorda que a questão do envelhecimento deve ser uma preocupação da sociedade? Na sua opinião o que falta fazer na resposta ao processo de envelhecimento da população? Como faz o retrato de Portugal este âmbito?

É claro que o envelhecimento não só deve ser, como tem sido uma preocupação crescente para a sociedade e especificamente para o Estado Português.

Neste aspeto, devemos ter sempre a perspetiva do “copo meio cheio” e do “copo meio vazio”, saudando o que já foi feito, mas exigindo sempre melhor qualidade nas respostas.

Na perspetiva “do copo meio cheio”, muito foi já feito. O Estado português é signatário de vários documentos estratégicos internacionais e especificamente da União Europeia, tem desenvolvido desde há décadas todo um conjunto de medidas legislativas e de documentos estratégicos nacionais, e têm apoiado as organizações de solidariedade social que, em todo o país, são as principais protagonistas na prestação do apoio às pessoas idosas, através de serviços de apoio domiciliário, seja através de centros de dia e de noite, de estruturas residenciais e outro tipo de respostas. Ou

seja, existe já uma resposta em marcha.

Mas na perspetiva do “copo meio vazio”, atingimos somente um primeiro patamar nesta resposta aos problemas e necessidades das pessoas idosas, e vemos que a capacidade instalada está ainda aquém das necessidades, e que continua a haver muita coisa a fazer para alargar o número de respostas e, por outro lado, para aumentar a sua qualidade e na inovação numa perspetiva de excelência e de promoção e defesa dos direitos dos mais velhos.

Por outro lado, é preciso ter em conta que as pessoas idosas não são um grupo homogéneo. Existem homens e mulheres, com diferentes idades, com diferentes níveis de rendimentos e, por tudo isto, com diferentes níveis de vulnerabilidade.

Em Portugal, cerca de 20% das pessoas idosas estão numa situação de pobreza e, uma parte muito significativa, mesmo que não esteja “tecnicamente” numa situação de pobreza vive com recursos económicos muito limitados.

Isto também quer dizer que existem desigualdades no acesso a equipamentos e a respostas de qualidade por parte da população idosa.

Pelo que, repito, muito há ainda a fazer nas políticas e nas respostas sociais nesta área.

Como diretor de uma instituição de ensino superior, de que forma a oferta formativa nesta área pode ajudar a mudar mentalidades e a criar melhores condições para população sénior?

Não existem respostas de qualidade sem profissionais de qualidade.

O papel das instituições de ensino superior é fundamental na formação pós-graduada dos profissionais que já trabalham, ou que começaram recentemente a trabalhar, ou que pretendem vir a trabalhar com pessoas idosas.

O Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (Universidade Lusíada), a mais antiga instituição de ensino superior do País na formação de Assistentes Sociais, fundada em 1935, tem em funcionamento, há mais de uma década, um Mestrado de Gerontologia Social, em que são abordados e desenvolvidos um conjunto de aspetos essenciais para os profissionais envolvidos no trabalho com pessoas idosas.

É fundamental que estes profissionais tenham uma formação adequada sobre o processo de envelhecimento na sua vertente física, psicológica e social.

É fundamental que conheçam a diversidade das situações das pessoas idosas, tendo em conta o seu género, a sua idade, a sua condição social, as suas características culturais e familiares, e os seus problemas específicos de saúde.

É fundamental que conheçam bem as políticas existentes de apoio à população idosa, os seus objetivos estratégicos e conceitos chave, as suas prioridades e os seus atores mais relevantes.

É também fundamental que os profissionais conheçam as boas práticas existentes, e as metodologias específicas de intervenção com as pessoas idosas e com as suas famílias, sobretudo na promoção do envelhecimento ativo e do “Aging in Place” (envelhecer nas comunidades a que pertencem).

Uma das formas de preparar o futuro dos vários atores, da sociedade e otimizar os recursos é a investigação. Nesse âmbito qual o papel do vosso centro de investigação?

É um paradoxo, mas, sendo o envelhecimento uma questão cen-



tral da sociedade portuguesa, ela está ainda insuficientemente estudada.

O CLISSIS – Centro Lusitana de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social – é um centro interdisciplinar, que reúne profissionais e investigadores das áreas do Serviço Social, da Psicologia e de outras ciências sociais. É, por isso, um instrumento essencial na abordagem global e multifacetada de que falámos há pouco.

Sendo a questão do envelhecimento tão importante, é ainda insuficiente o conhecimento que se tem dos problemas e dos anseios das pessoas idosas, na sua diversidade a que há pouco nos referimos. Neste aspeto, temos vários projetos de investigação em curso que estudam fatores essenciais na qualidade de vida das pessoas idosas.

Um dos projetos que desenvolvemos estuda a importância de vários fatores – fatores de saúde, sentido da vida, espiritualidade, redes de suporte, práticas de envelhecimento ativo - na qualidade de vida dos idosos.

Uma equipa de investigadores do CLISSIS construíram uma bateria de avaliação neuro psicológica que está a ser testada, e que relaciona este tipo de fatores com a qualidade de vida e os estilos de vida no processo de envelhecimento.

Por outro lado, investigadores do CLISSIS que pertencem ao Instituto Superior de Serviço Social do Porto (com quem temos um protocolo de colaboração) estão envolvidos no projeto “Porto Importa-se”, promovido pela Câmara Municipal do Porto e dirigido a identificar, prevenir situações de isolamento e apoiar a população idosa residente nos bairros da cidade.

Finalmente, estamos também a estudar a sexualidade e as relações amorosas nas pessoas idosas e colaborámos com a APF – Associação para o Planeamento da Família – num projeto dirigido aos profissionais e às instituições que trabalham com pessoas idosas, no sentido de serem respeitadas os seus direitos e a sua privacidade, nomeadamente em contextos de respostas residenciais.



Instituto
Superior
de Serviço
Social
de Lisboa

Universidade Lusitana
Lisboa

Mestrado
GERONTOLOGIA SOCIAL



APRESENTAÇÃO

O aumento do número de anos de vida e da longevidade foi uma conquista da humanidade. A população idosa tem vindo a aumentar em todas as sociedades, e esta mudança social e demográfica fez emergir novos desafios ligados à promoção da qualidade de vida e do envelhecimento activo nesta fase do ciclo de vida.

Estes desafios impõem que, de forma concertada, as instituições universitárias, os profissionais e as empresas de economia social ou de mercado, procurem modelos e esquemas que:

- atualizem permanentemente o conhecimento sobre o processo de envelhecimento e sobre os problemas e necessidades das pessoas idosas;
- promovam a análise crítica e a inovação nas políticas e respostas sociais;
- promovam a reflexão sobre as práticas institucionais e profissionais, estudando as boas-práticas e as metodologias inovadoras.

O mestrado em Gerontologia Social do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa (ISSSL) contribui, assim, para responder a estes desafios, preparando profissionais de diversas áreas de intervenção social com um grau de qualificação que lhes permita perceber, analisar e intervir, de forma concreta, nos problemas que se colocam à população idosa.

Mais informações em: www.lis.ulusiada.pt

COORDENADOR

Prof. Doutor Duarte Gonçalo Rei Vilar

PLANO DE ESTUDOS

1.º semestre

- Biologia e psicopatologia do envelhecimento | 7,5 ECTS
- Questões éticas e deontológicas na intervenção com pessoas idosas | 7,5 ECTS
- Sociedade contemporânea e problemática do envelhecimento | 7,5 ECTS
- Métodos e técnicas de investigação | 7,5 ECTS

2.º semestre

- Políticas sociais para a saúde e envelhecimento | 7,5 ECTS
- Metodologias específicas de intervenção em gerontologia social | 7,5 ECTS
- Intervenção em situações de dependência e necessidade especiais | 7,5 ECTS
- Investigação em gerontologia social - Seminário de dissertação | 7,5 ECTS

2.º e 4.º semestres

- Dissertação | 60 ECTS

Este ciclo de estudos apresenta um total de 120 ECTS, tendo o seu curso de especialização a duração de 280 horas.

Despacho n.º 12607/2008, Diário da República n.º 86, Série II de 2008-05-05 - Autoriza o funcionamento do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre na especialidade de Gerontologia Social no Instituto Superior de Serviço Social da Universidade Lusitana de Lisboa.

Condições financeiras especiais para licenciados pelas Universidades Lusitana, seus familiares e demais licenciados com média de licenciatura igual ou superior a 14 valores. Para mais informações, consultar a página web relativa ao 2.º ciclo de estudos: www.lis.ulusiada.pt/Ci8a2.

Curso acreditado pela A3ES - Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior.



Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior:

Uma referência na formação e investigação

3ª EDIÇÃO DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE: RUMO À INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO - "TENDÊNCIAS DO ENVELHECIMENTO E CANCRO", COM INSCRIÇÕES A DECORRER.

A Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior (FCS-UBI) é um reconhecido polo de formação e investigação, que promove um conjunto de iniciativas que visam incrementar o conhecimento técnico especializado em estreito contacto com diversos centros clínicos da Beira Interior. Exemplo desta envolvimento é o ciclo de formação intitulado "O que tem que saber um investigador para melhorar os resultados da sua investigação? Acreditação, visibilidade, impacto e identidade digital" promovido pelo Centro de Coordenação de Investigação Clínica das Beiras (C2ICB), núcleo de apoio à investigação clínica da Universidade da Beira Interior no âmbito do Centro Académico Clínico das Beiras. A formação visa dotar todos os profissionais envolvidos em investigação, - nas suas vertentes laboratorial, de translação e clínica - de ferramentas que otimizem e promovam o resultado dos seus trabalhos. A primeira edição decorreu no passado mês de junho na Unidade Local de Saúde de Castelo Branco e as segunda e terceira edição decorrerão durante o mês de outubro no Centro Hospitalar Tondela Viseu e no Centro Hospitalar Universitário Cova da Beira. A par desta formação, decorre a 11 de outubro de 2019 no Hospital CUF Viseu a Sessão de Informação & Networking "Gestão da Propriedade Intelectual e de Assuntos Regulamentares em Investigação Clínica e de Translação" coorganizada pelo C2ICB, Health Cluster Portugal, TRIS-HCP, com colaboração da CUF, Infarmed e INPI. As atividades do C2ICB pretendem não só promover o aumento do número de ensaios clínicos e da iniciativa do investigador em Portugal, como formar e estimular estes profissionais, sendo as atividades formativas um veículo facilitador de todo este processo. Para além dos eixos de atuação no Interior e em contexto Nacional, a internacionalização é também uma das apostas da FCS-UBI. Em novembro de 2019 terá lugar na Universidade da Beira Interior mais uma edição do International Congress in Health Sciences Research: Towards Innovation and Entrepreneurship. Este evento bienal é organizado pela Comissão de estudantes de Doutoramen-

to do Centro de Investigação em Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior (CAD-CICS-UBI) e conta já com duas edições de sucesso realizadas em 2015 e 2017 que abordaram temas como a Biotecnologia e Endocrinologia e Neurociências.

Esta terceira edição de nome III International Congress in Health Sciences Research: Towards Innovation and Entrepreneurship - Trends in Aging and Cancer, terá como tema central os recentes avanços na pesquisa biomédica sobre envelhecimento e cancro e contará com um público alvo diversificado que reunirá investigadores de diferentes Universidades nacionais e internacionais, centros de investigação, hospitais, centros de diagnóstico e terapêutica e também de empresas e start-ups na área da saúde. Com um painel internacional de renome, a Covilhã acolherá na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior, entre os dias 14 e 16 de novembro, especialistas como Jean-Louis Mergny do Institut National de la Santé et de la Recherche Médicale (França) e Sandro da Mesquita do Center for Brain Immunology and Glia (EUA), ambos com publicações de grande impacto na comunidade científica, distinções e diversos prémios.

A temática desta terceira edição pretende abordar temas de elevada atualidade e relevância não só para comunidade científica e médica, mas também para a população em geral.

Segundo as recentes estatísticas publicadas pela Organização Mundial de Saúde, entre os anos 2015 e 2050, a proporção da população mundial com mais de 60 anos duplicará de 12% para 22%. Sabe-se também que até 2050, o número de pessoas com demência deverá triplicar. Assim torna-se essencial a investigação translacional em envelhecimento bem como nas doenças que a ele se encontram associadas e seus respetivos tratamentos.

Para além do envelhecimento, também o Cancro é um foco principal na investigação ao nível Mundial. O cancro apresenta-se como a segunda principal causa de morte a nível mundial e foi responsável por cerca de 9,6 milhões de mortes em 2018 e a nível global, uma a cada seis mortes é provocada pelo cancro.

Num ambiente de partilha científica e na senda do conhecimento serão abordados temas como os mecanismos subjacentes ao início e progressão das doenças neurológicas, neuro vasculares, e cancerígenas; os mecanismos de ação de novos medicamentos terapêuticos; e abordagens inovadoras de diagnóstico e tratamento em distúrbios cerebrais e tumores.

Nesta edição pretende-se ainda promover uma colaboração estreita entre o mundo académico e a comunidade empresarial, visando oferecer a todos os participantes a oportunidade de contactar com entidades dominantes no mercado da indústria farmacêutica, prestação de serviços e investigação e desenvolvimento na área das Ciências da Saúde.

A marcar presença nesta edição estarão as empresas O NeuroSoV e STAB VIDA. A primeira, uma startup lançada pelo programa de incubação UBImedical da Universidade da Beira Interior, oferece serviços de validação pré-clínica para empresas académicas ou farmacêuticas com o objetivo de validar pequenas moléculas com potencial terapêutico para a doença de Parkinson.

A STAB VIDA, empresa certificada de biotecnologia em Portugal com produtos e serviços na área da genética e imunologia, apresentará o Projeto internacional PANA, cujo objetivo é, através da nanotecnologia, desenvolver novas estratégias de diagnóstico e terapêutica que ajudem a retardar o surgimento dos sintomas da doença de Alzheimer.

Assim, este congresso internacional assume-se como uma oportunidade para participar num amplo painel de especialistas académicos e empresariais, contribuindo para a discussão de novas ideias científicas e para estabelecer ligações entre investigadores e profissionais da área.

A primeira fase de inscrições para o evento encontra-se em curso e poderá ser realizada até 21 de setembro de 2019. Encontra-se ainda aberta a submissão de resumos de trabalhos científicos a apresentar no congresso até dia 6 de setembro de 2019.

Para além desta atividade a Comissão de alunos de Doutoramento promove não só realização de atividades científicas como congressos, cursos e workshops, mas também a realização de atividades de cariz social e de aproximação da Ciência à comunidade. Tem também como missão representar todos os alunos de doutoramento a desenvolver trabalho nesta instituição, averiguando as suas dificuldades e, em articulação com a coordenação do CICS-UBI, propor medidas corretivas promovendo assim um ambiente cooperação, dinamismo e entreajuda.

Para mais informações:

<http://www.ubihealthsciencesresearch.pt/>

Contactos | hsrcongress@gmail.com



Amato Lusitano: Quando o Apoio Faz Toda a Diferença

COM 20 ANOS DE EXPERIÊNCIA NO APOIO SOCIAL EM VÁRIAS VALÊNCIAS E EM REDE COM OUTRAS ENTIDADES, A INSTITUIÇÃO TEM UMA ÁREA DE ATUAÇÃO ALARGADA COM PROJETOS INOVADORES DE ECONOMIA SOCIAL JUNTO DAS POPULAÇÕES MAIS VULNERÁVEIS. ARNALDO BRAZ, PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AMATO LUSITANO EXPLICA QUAIS OS PROJETOS EM EXECUÇÃO.



Arnaldo Braz, presidente da direção da Amato Lusitano



Como associação privada sem fins lucrativos. Como surgiu a Amato Lusitano?

Amato Lusitano- Associação de Desenvolvimento, iniciou a sua atividade há 21 anos, em 1998. E há 10 anos que vem desenvolvendo nesta área geografia respostas integradas e ativas no apoio às vítimas de violência doméstica, com o objetivo de prestar serviços gratuitos de atendimento de acompanhamento psicológico, apoio social e informação jurídica.

Quais são as valências e áreas de atuação?

Ao longo destes 20 anos tivemos variadíssimos projetos, todos relacionados com a questão social, sempre na perspectiva de melhorar as condições de vida das pessoas. Projetos integrados nos programas de Luta Contra a Pobreza, Escolhas, nos Contratos Locais de Desenvolvimento Social, sendo também da responsabilidade desta instituição, um centro local de apoio à integração dos imigrantes. Neste momento, estamos a desenvolver um projeto em parceria com a Câmara Municipal de Castelo Branco de mediadores municipais e interculturais. Outra das nossas valências é a Universidade Sénior Alcabastrense (USALBI), que conta com 1200 alunos; sendo que metade estão distribuídos pelo espaço rural, e os restantes têm a sua residência na cidade. Neste âmbito, existe ainda o Banco de Tempo que funciona com o tempo como moeda que paga serviços; alguém faz um serviço que tem uma determinada duração e é retribuído com outra tarefa com a mesma durabilidade. A nossa população pode, igualmente, usufruir da rede PI. Esta nasceu da necessidade que detectámos no Núcleo de Apoio à vítima, quando houve um aumento dos casos de violência sobre idosos e para fazer face a essa realidade, nasceu um espaço que conta com a participação das várias entidades que intervinham nesta área. Neste projeto existe uma interligação entre as instituições que desenvolvem um trabalho conjunto com o objetivo de atenuar este problema e de apoiar a população sénior. Neste sentido atuamos em parceria com outras instituições: Câmara Municipal de Castelo Branco, Procuradoria da Comarca do Município, o Instituto da Segurança Social, a Unidade Local de Saúde a GNR, a PSP, a Santa Casa de Misericórdia, a Caritas Paroquial, Associação de Voluntariado de Apoio à Pessoa Idosa Só e Cruz Vermelha.

Estas são algumas das entidades. Em relação à Rede PI (Rede Integrada de Apoio à Pessoa Idosa), reunimos periodicamente com os nossos parceiros de forma a delinear estratégias de atuação. Os objetivos desta ação visam combater o isolamento; aumentar o sentimento de segurança da população vulnerável; assegurar o acompanhamento e apoio da pessoa idosa em situação de dependência física, psicológica, financeira ou social; promover as condições necessárias de segurança e bem-estar, assim como, desenvolver ações de informação e intervenção em situações de risco dentro da nossa área geográfica.

Quais os projetos em execução direcionado para a população sénior?

Relativamente à população sénior a Amato Lusitano- Associação de Desenvolvimento tem uma abrangência lato na sua intervenção. Alguns projetos nos quais estamos a trabalhar, nomeadamente, o Contrato Local de Desenvolvimento Social agrega várias ações para responder especificamente às necessidades dos mais idosos, em particular à população identificada em espaço rural, porque são aqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade relativamente ao isolamento. Existem cerca de 12 ações específicas que vamos desenvolvendo mediante as situações mais emergentes, mas todas elas são destinadas para esta franja populacional, como objetivo de tornar a vida dos seniores o melhor possível.

Existe apoio aos cuidadores informais, de forma a prestar-lhes ajuda e dar conhecimentos para poderem desenvolver o trabalho nessa área onde muitas vezes há um enorme desconhecimento nas pequenas coisas que fazem toda a diferença, com maior incidência quando são pessoas dependentes que requerem cuidados continuados.

No âmbito do projeto Contrato Local de Desenvolvimento Social, desenvolvemos ações com idosos em espaço rural. Temos em execução ações que tentam colmatar as lacunas existentes, nomeadamente a (Re) Forma Ativa, que pretende dinamizar ações socioculturais em contexto rural, com uma regularidade semanal em que se trabalha um leque de temáticas de carácter informativo e lúdico sobre; saúde, segurança, desporto, trabalho manuais, atividades intergeracionais, estimulação cognitiva. Outra das ações designa-se como "Vidas como Memórias", de forma a dinamizar tertúlias com temas específicos destinadas às pessoas com problemas de memória ou demência. Estas tertúlias servem como estímulo e um desafio à nossa memória coletiva. Esta ação permite ainda a interação, dando apoio emocional através de atividades lúdicas e estimulantes.



Amato Lusitano em números

No período de novembro de 2018 a agosto de 2019 o número de casos identificados na Rede PI foi de 26 de violência sobre idosos e 4 casos de negligência.

No que diz respeito ao Núcleo de Apoio à vítima (NAV) de janeiro a agosto foram identificados 105 novos casos de violência doméstica, tendo sido no mesmo período efetuados 701 atendimentos gerais.

Relativamente à USALBI (Universidade Sénior Alcabastrense), no ano letivo 2018/2019 foram inscritos 1210 alunos enquadrados por 49 professores, maioritariamente voluntários. Abrangendo não apenas a cidade mas também 13 das 18 freguesias rurais.

António Ribeiro Telles: “O Mais Clássico dos Cavaleiros Portugueses”

ORIUNDO DE UMA FAMÍLIA COM TRADIÇÃO NA TAUROMAQUIA PORTUGUESA, CRESCEU ENTRE O CAMPO, TOIROS E CAVALOS. MESTRE NA ARTE DE TOUREAR E DA EQUITAÇÃO. NO DIA 10 DE AGOSTO PERFAZ A CORRIDA NÚMERO 1500. ANTÓNIO RIBEIRO TELLES REVELA-NOS A SUA EXPERIÊNCIA E SOBRE A ARTE DO TOUREIO A CAVALO.

Como podemos apresentar o António Ribeiro Telles?

Tenho 56 anos e dediquei toda a minha vida ao toureio. Terei Alternativa (quando se passa para cavaleiro profissional) há 36 anos e a prova de praticante, em setembro, comemoro os 40 anos. Atuei nas mais emblemáticas praças de toiros, nomeadamente, em Espanha, França, Macau, México, Colômbia e Califórnia. Em Portugal, posso dizer que toureei em todas as praças portuguesas, e também, nas ilhas Madeira, Terceira, Graciosa e São Jorge. Dia 10 de Agosto, perfaço a bonita conta de corrida número 1500.

Tem na família um passado ligado à tauromaquia, o avô, mas principalmente o pai conhecido como cavaleiro e ganadeiro, David Ribeiro Telles. Com trinta e seis anos de carreira como cavaleiro tauromáquico. Fale-nos do seu percurso profissional e como ganadeiro?

O meu percurso profissional, felizmente, graças a Deus é positivo. Para um toureiro aguentar tantos anos no ativo, no circuito das corridas mais importantes da temporada, é primordial estar bem preparado e manter o interesse das empresas e do público, isso só acontece com paixão, dedicação, muito profissionalismo e também um pouco de sorte.

Estamos numa fase em que a opinião pública se divide, há quem defenda ou quem queira mudar ou acabar com as corridas de touros. Na sua opinião, qual será o futuro da tauromaquia em Portugal?

A festa está a ser muito atacada pelos que não gostam desta



Quem é António Ribeiro Telles

António Palha Ribeiro Telles nasceu a 14 de Maio de 1963, natural de Vila Franca de Xira e filho do consagrado cavaleiro David Ribeiro Telles. Desde dos primeiros anos de vida teve contato com o mundo dos toiros e cavalos, ambiente que o influenciou na escolha da profissão, como Cavaleiro Tauromáquico.

Na família esta tradição está presente em sucessivas gerações. Teve uma educação cuidada dada por seus pais, tendo todos os irmãos sido criados na Herdade da Torrinha.

Aos dez anos toureia a primeira vaca, na Herdade da Torrinha, montando o “Minuto”. Dois anos mais tarde, a 12 de Abril de 1975, apresenta-se pela primeira vez ao público na praça de toiros de Salvaterra de Magos.

A Prova de Praticante foi no dia 9 de Setembro de 1979 na praça de toiros de Vila Viçosa, celebra este ano 40º aniversário.

Aos 20 anos de idade tira a Alternativa a 21 de Julho de 1983, no Campo Pequeno, tendo como padrinho, seu pai David Ribeiro Telles, sendo testemunha, seu irmão, João Palha Ribeiro Telles.

Apelidado como “O Mais Clássico dos Cavaleiros Portugueses”, continua sendo um dos mais requisitados cavaleiros nacionais.

arte, mas a verdade é que também existem muitos aficionados, as praças têm cada vez mais gente. Vejo uma nova geração de toureiros e, também, muito público jovem. Isto significa que a festa tem futuro. É tudo uma questão de respeito; quem gosta vai e quem não gosta não vai.

Considera que a corrida mista desvirtua aquilo que é a tradição portuguesa (cavaleiro e forcados)?

Sou a favor da corrida mista: toureio a pé e a cavalo, isso faz com que satisfaça todo o tipo de público e existe maior variedade.

Quais as principais capacidades e qualidades que são obrigatórias para se conseguir singrar no mundo da tauromaquia?

Primeiro muito trabalho, capacidade de resiliência, paixão pelo toureio, entrega à profissão e muita humildade para aprender todos os dias e durante toda a vida. Nesta atividade é essencial saber que há sempre algo para a aprender e ensinar.

Próximas datas de corridas de touros

- 10/08 e 12/08 na Graciosa, Açores
- 14/08 em Alcochete
- 15/08 nas Caldas da Rainha
- 17/08 em Coruche
- 31/08 em Santo Estevão

O que pode ser dito em relação à tauromaquia que ajude a esclarecer a opinião pública?

A tauromaquia é uma arte com beleza, estética, emoção e faz parte da cultura portuguesa. É um mundo onde se respeita muito os animais; onde se defende uma espécie, o touro bravo. Há muita gente a viver da tauromaquia: os toureiros, os ganadeiros, a gente do campo que trata dos toiros e dos cavalos, os emboladores, os forcados, que são amadores, mas que fazem isto por amor e temos que respeitar estas pessoas.



Grupo de Forcados Amadores de Lisboa: “Os Últimos Românticos da Festa!”

O GRUPO FOI FUNDADO POR UMA FIGURA MÍTICA DO TOUREIO NACIONAL; NUNO DA SALVAÇÃO BARRETO. MUITAS FORAM AS GLÓRIAS EM TARDE SOLARENGAS ENTRE APLAUSOS E OLÉS. OS FORCADOS SÃO TRADIÇÃO UNICAMENTE NACIONAL, ONDE “RAÇA” E A CORAGEM ANDAM DE MÃOS DADAS. ENTREVISTA DE PEDRO MARIA GOMES, CABO DO GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE LISBOA, CONTA-NOS COMO É “SER-SE FORCADO.”



Pedro Maria Gomes, Cabo do Grupo de Forcados Amadores de Lisboa

Com o Grupo de Forcados Amadores de Lisboa a ser fundado em 1944, pelo lendário, Nuno da Salvação Barreto. Gostaria que nos falasse sobre a história do grupo?

São 75 anos de história ininterrupta, recheada de grandes momentos, mas também de momentos menos felizes, falo das lesões que alguns Forcados do Grupo sofreram e que os marcou para toda a vida, mas felizmente são poucos os casos.

Tudo começou no café “A Cubana” em Lisboa, com um grupo de amigos em que o elemento mais novo, então com 14 anos, foi o escolhido para liderar o Grupo. Esse elemento era Nuno Salvação Barreto que soube colocar o Grupo como um dos melhores de sempre.

Falar da história do Grupo, tem-se que obrigatoriamente falar de NSB. Profundo conhecedor do toiro, excelente gestor de recursos humanos e com uma inteligência fora do normal, fizeram com que o Grupo, a partir do momento que foi criado, fosse logo um dos melhores e convidado para as principais feiras de Portugal e Espanha. Não podemos deixar de referir que é graças a si que hoje em dia existe a “corrida à portuguesa” no sul de França.

Foram quase 5 décadas a formar Homens que marcaram a história dos forcados e que ainda hoje são recordados como dos melhores de sempre.

Em 1992 NSB escolheu para seu sucessor um forcado já retirado, um elemento em quem confiava ao máximo, José Luís Gomes. Foram 18 anos como Cabo em que soube transmitir todos os ensinamentos de NSB e colocar também a sua personalidade de forma a ser um Pai para todos os Forcados que comandou. Conseguiu manter o Grupo nos lugares cimeiros e enriquecer ainda mais a história do Grupo. Em 2009 JLG decidiu despedir-se de Forcado e a escolha do futuro Cabo foi através de votação por parte de todos os elementos actuais (da altura). A escolha recaiu sobre mim e desde 2010 que estou à frente dos destinos do Grupo.



Pega do Grupo de Forcados Amadores de Lisboa

E como foi o seu percurso no que se refere prémios, a atuações nacionais e internacionais?

O Grupo e os seus Forcados têm inúmeros prémios ao longo destes 75 anos e será difícil enumera-los, mas destaco os Prémios Bordalo (1969), Imprensa (1973), Medalha da Cidade de Lisboa, Medalha de Mérito Cultural e Medalha de Mérito Municipal (Grau Ouro) da Cidade de Lisboa.

As atuações nacionais são em todas as feiras e praças importantes do calendário taurino. No estrangeiro, destacamos as presenças nas principais feiras de Espanha e França, Madrid, Sevilha, Pamplona, Mont-Marsan, Nimes, Arles. Destacamos também as digressões a Macau, Estados Unidos da América e México.

Esta realidade dos forcados num espetáculo tauromáquico só existe em Portugal. Pensa que esta é uma verdadeira tradição 100% portuguesa?

É sem dúvida uma tradição portuguesa, iniciada no Séc. XV. Mas na verdade e desde há cerca de 40 anos, existem Forcados nos Estados Unidos da América e também no México. Nos EUA o surgimento de Grupos de Forcados deve-se à grande comunidade açoriana existente na Califórnia que conseguiu enraizar a “corrida à portuguesa”. Na década de 70 começaram as digressões de seleções, a 1ª comandada por Simão Comenda, de Grupos de Forcados ao México e foram estes os responsáveis pelo aparecimento de Grupos de Forcados mexicanos. Tanto nos EUA como no México, existem hoje em dia vários Grupos de Forcados e o mais engraçado é que esses Grupos são constituídos maioritariamente por Forcados americanos e mexicanos.

Numa época de controvérsia relacionada com as corridas de toiros, devido aos prós e anti touradas. O que gostaria de referir em relação a este espetáculo de forma a explicar a importância para os forcados na defesa desta arte?

Pertencer a um Grupo de Forcados, mais especificamente ao Grupo de Lisboa, é pertencer a uma escola de valores. Aqui transmitimos o valor da amizade, solidariedade, respeito, humildade, responsabilidade e o espírito de superação às diferentes adversidades. Todos estes valores são importantes na nossa fase enquanto Forcado, mas serão muito mais importantes na nossa formação enquanto Homens e indivíduos preparados para a sociedade.

Aqui recebemos jovens de todas as classes sociais, com todo o tipo de formação e até de diferentes pontos do país, bastante distantes. O nosso papel é integrar os jovens no espírito do Grupo, passando os valores já referidos. Claro que a coragem para enfrentarem um toiro é valorizada, mas ser-se Forcado não é só pegar toiros, ser Forcado é ser um bom exemplo em tudo o que fazemos, quer na nossa vida pessoal, familiar e profissional.

O Grupo de Forcados Amadores de Lisboa é o terceiro mais antigo do país. Como cabo do grupo, como se pode desenhar o futuro (grupo)? E da tauromaquia em Portugal?

Para sermos mais precisos e recordarmos os valores e atitudes que existiam no passado, o Grupo de Forcados Amadores de Lisboa é o 2º Grupo mais antigo, ou seja, tem 75 anos de história ininterrupta, sendo o Grupo de Forcados Amadores de Santarém o mais velho. Acontece que, por um acordo de cavalheiros entre os Srs. Nuno Salvação Barreto e Joaquim José Capoulas, foi concedido por NSB ao Grupo de Montemor a antiguidade, ou seja, o Grupo de Montemor teve um interregno na sua história e passaria a ser o Grupo de Lisboa mais antigo, mas devido à amizade existente entre os dois e na 1ª corrida que pegaram juntos, depois do reaparecimento do Grupo de Montemor, NSB quis que o Grupo de Lisboa continuasse como mais novo. Até aos dias de hoje sempre respeitámos este acordo e será sempre assim, mas nunca é demais lembrar a história que só demonstra a grandeza de NSB.

O futuro do Grupo está garantido, temos atualmente cerca de 25 elementos ativos e com grande margem de progressão dos elementos mais novos, será certamente um futuro que honrará a história do Grupo.

Quando ao futuro da Tauromaquia em Portugal, ao longo dos últimos anos têm existido várias mentiras de forma a atacar a Tauromaquia, querem passar a ideia de que a Tauromaquia é uma atividade ilegal, sem regras, leis e que não há respeito pelos animais. Eu lembro que a Tauromaquia é uma atividade regulada pelo Ministério da Cultura e que envolve outros organismos do Estado, como por exemplo a Direção Geral de Veterinária.

Atualmente não é só a Tauromaquia que está em risco, existe hoje uma mudança de mentalidades e perda de valores que fazem esquecer a nossa identidade e cultura e infelizmente as pessoas acreditam no que querem ouvir e que lhes é contado.

Eu convido quem quiser acompanhar o Grupo de Lisboa e ver realmente o que é ser-se forcado, que marque presença no dia 27 de setembro, no Campo Pequeno.



Mestria de Nuno Salvação Barreto

Iniciando a sua prestação em festivais em 1943, estreou-se formalmente numa corrida de toiros realizada em Cascais no dia 14 de agosto de 1944, o grupo de forcados que formou sob o seu comando, Nuno Salvação Barreto, 1.º Cabo do Grupo Amadores de Lisboa, um

dos mais antigos e mais prestigiados, e foi seu cabo durante quase 50 anos, de 1944 a 1992,

A sua participação no famoso filme “Quo Vadis”, nos anos 50, onde dobrou o gigante cristão Ursos (interpretado pelo lutador Buddy Baer) na luta com um toiro no coliseu romano para salvar Lygia, sua protegida, amarrada a um tronco, deu-lhe fama internacional.

Foi ainda um dos mais destacados empresários taurinos nacionais, chegando a gerir um considerável número de praças de toiros de norte a sul do país, Num total de 17. Faleceu a 17 de Dezembro de 1996.

Moita: Uma viagem à tradição no mundo da tauromaquia

EM 1837, NA FESTA EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM, NA MOITA, REALIZARAM-SE DUAS CORRIDAS DE TOIROS. TRÊS DÉCADAS DEPOIS, A AFICIÓN DESENVOLVE-SE E PERMITE PERSPETIVAR-SE UMA ATIVIDADE ECONÓMICA NA REGIÃO. EDIFICOU-SE, ENTÃO, A PRAÇA DE TOIROS NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM, EM 1872. ATUALMENTE, A PRAÇA DE TOIROS DANIEL DO NASCIMENTO, INAUGURADA EM 16 DE JULHO DE 1950, É O SÍMBOLO MÁXIMO DESSA TRADIÇÃO. CONJUNTAMENTE FORAM CRESCENDO INSTITUIÇÕES DE ENSINO E CULTURAIS QUE PROVAM QUE A TAUROMAQUIA VEIO PARA FICAR. LUÍS NASCIMENTO, VEREADOR DO PELOURO DO DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO DA CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA, EM ENTREVISTA, ESCLARECE A IMPORTÂNCIA DESTA ATIVIDADE NA REGIÃO.



Luis Nascimento, Pelouro do Desenvolvimento Económico da Câmara Municipal da Moita

Foram os festejos tradicionais de índole religiosa que deram origem a esta tradição no concelho. Qual a importância desta atividade para a Moita e para a sua identidade cultural?

O concelho da Moita é muito próximo de Lisboa. Com a Ponte Vasco da Gama, as carreiras dos barcos da Soflusa e dos autocarros TST, Lisboa é mesmo aqui ao lado! Mas já houve tempos em que tal não era assim! As Canoas, os Varinos e as Faluas (barcos típicos do Tejo) ligavam Lisboa e a Moita, que tinha uma cultura própria, diferente e até distante da de Lisboa.

Os nossos barcos tradicionais, a nossa música e os nossos festejos, onde a festa brava tem um papel importantíssimo são memórias desse tempo, que, se as deixarmos perder, a Moita passará a ser apenas mais um dormitório de uma grande cidade, sem cultura própria, sem as suas características que a tornam única.

Em Lisboa, nos recreios das escolas, as crianças jogam à bola e na Moita brincam aos touros. Não é que brincar à bola seja pior, não é disso que se trata, a questão em causa é a nossa identidade cultural.

Na festa brava existe um interveniente indispensável, o touro bravo. Como define a sua relevância para a economia, para esta atividade e até para a continuação desta raça?

Na Moita não existem ganadarias. Temos 8 vacarias, essencial-

mente com vacas da raça Frizia e somos um dos concelhos com mais produtores de leite. Apenas numa ou outra quinta existem alguns touros bravos.

A raça brava é um animal em perigo de extinção! Para produzir leite temos animais de raça Frizia e, para produzir carne, animais de raça Barrosã ou Limosine. A raça brava não dá leite de forma industrial e demora muito tempo a crescer, tornando a sua carne (se bem que alguns apreciadores consideram extraordinária) demasiado dispendiosa em termos de produção. Na realidade só existe raça brava nos países onde existem touradas, pois é esse o seu fim.

A existência da raça brava depende da continuidade da existência da Festa Brava. Só assim haverá interesse económico para os produtores.

Repare que uma pequena quinta pode albergar algumas centenas de vacas leiteiras, que, atualmente, passam os dias presas dentro de grandes armazéns, sem se movimentarem, produzindo o leite que bebemos. A raça brava precisa de espaço para se movimentar, o que só acontece em grandes herdades.

A afición faz parte da génese da gente da região. Defende que a tauromaquia e as atividades que se desenvolvem em redor são uma alavancagem económica, social, política e até turística para a Moita?

A festa da Moita (este ano de 6 a 15 de Setembro) é uma das

maiores festas da região e de Portugal. Representantes da Sagres diziam-me há poucos dias que a festa da Moita é o terceiro evento onde mais se vende cerveja em Portugal, logo atrás da queima das fitas de Coimbra, da concentração Motard de Faro e muito antes de todos os festivais de verão.

Naturalmente, que existem diversos fatores que contribuem para o êxito destas festas: os concertos de excelência; os diferentes tipos de música e de espetáculos; a procissão, que integra um elevado número de andores; as atividades desportivas; as regatas com barcos tradicionais do Tejo... No entanto, as largadas e as corridas de touros são uma componente muito importante das festas. Milhares de pessoas juntam-se na avenida para assistir às largadas e entradas de touros, ou na praça de touros, para assistir às corridas. Assim, do ponto de vista económico e turístico as atividades taurinas revelam-se uma mais valia para o concelho da Moita, a diversos níveis: geram empregos, tornam-nos culturalmente singulares, contribuem para a defesa da biodiversidade, potenciam o relacionamento humano (nas largadas e touradas convive-se ombro a ombro).

É vereador das atividades económicas e do turismo e, por força do seu cargo, tem assento no Conselho Municipal Taurino. O que se pode dizer aos críticos desta tradição?

Respeito todas as opiniões; a falta de respeito por quem pensa de forma diferente costuma estar do outro lado. Por regra, os anti touradas são defensores da igualdade entre espécies, ou seja, entendem que qualquer animal tem os mesmos direitos que o Homem. É uma posição filosófica com a qual eu não concordo. A nossa sociedade, a nossa evolução cultural, artística e social assenta no especismo, ou seja, as espécies não são iguais e o Homem é mais importante que qualquer outra espécie.

Quando, após um acidente com forcados ou toureiros, surgem comentários nas redes sociais a aplaudir e a desejar a morte do ser humano em questão, fico triste, pois considero horrível alguém preocupar-se mais com um animal do que com uma pessoa.

Dentro deste movimento de igualdade das espécies, há os puros, para os quais, por exemplo, uma barata tem o mesmo valor de um touro, ou de um ser humano (e que combatem as desinfestações, como vereador também recebo queixas de cada vez que se faz uma desbaratização), e há os incultos, aqueles que só defendem que são iguais e com os mesmos direitos do Homem os animais "fofinhos" (por regra os mamíferos ou as aves).

Relativamente aos últimos, trata-se de uma questão cultural. Não sabem nada de biodiversidade, não sabem nada de preservação ambiental ou de ecologia, vivem em cidades, nunca criaram um animal para o matar e comer (esse facto choca-os profundamente). Dizem orgulhosamente que os animais também têm sentimentos (e claro que têm), esquecendo que a vida de um touro bravo (4 a 5 anos a correr no campo) é bem melhor do que a de um animal que se abate para consumo da sua carne (2 anos enclausurado sem se movimentar, por forma a engordar mais rapidamente) ou de um animal de estimação que passa o tempo enclausurado em casa do seu dono.

O que choca as pessoas é imaginarem que alguém se diverte com o sofrimento de um animal. Claro que isso também me choca! Mas ninguém que goste da Festa Brava se diverte com o sofrimento do animal. Tal como ninguém que goste de ballet ou de futebol se diverte com o sofrimento do bailarino ou do jogador, apesar de saber que para atingir aquele nível de excelência ele teve de sofrer muito. É apenas isto que as pessoas não entendem!

Por outro lado, a tourada é um bailado com a morte, onde o

Quem foi Daniel Nascimento?

Foi um afamado Matador de Toiros e bandarilheiro da história da tauromaquia.

Nasceu em 1987; tendo-se apresentado publicamente aos 18 anos, em Algés. Tira a alternativa 5 anos depois e toureou com bravura, como era sua característica, nas mais importantes arenas do país, incluindo na antiga Praça da Caldeira, onde organizou diversas corridas. Foi reconhecido pela sua mestria na arte das bandarilhas.

Com 29 anos, chega a Espanha determinado a conquistar o país vizinho a convite do famoso Joselito, El Gallo, ficando a fazer parte da sua quadrilha. Morreu, precocemente, com 31 anos, em 1918. Atualmente, é o nome da Praça de Toiros da Moita, em sua homenagem.

homem se assume como guardião da terra e, num momento em que o nosso planeta é tão maltratado, parece-me importante esta lição. O problema é que entender uma lição filosófica através de um bailado, não está ao alcance de todos! Quem compreende a génese das touradas pode não gostar, mas nunca as vai combater!

Com o desenvolvimento, dinamização e crescimento da tauromaquia no concelho criaram-se instituições de ensino de toureio a pé, grupos culturais e até dois grupos de forcados. Considera que esta prática é um catalisador de desenvolvimento para o município? Porquê?

Uma escola de toureio, dois grupos de forcados, uma sociedade económica (Sociedade Moitense de Tauromaquia), inúmeras tertúlias, alguns dos maiores recortadores do mundo, com uma escola de recortadores no concelho. Se pensarmos, ainda, noutros elementos da mesma cultura, mas já não tão ligados aos touros, como os grupos de dança de sevillhanas e as associações equestres, estamos a falar de milhares de pessoas da Moita que vivem esta tradição.

O desenvolvimento de uma região (concelho) acontece quando homens e mulheres se encontram, falam, discutem, projetam e sonham juntos!

Na Moita, quando uma televisão de um café transmite uma corrida de touros ficam tantas (ou mais) pessoas a assistir do que quando se assiste a um jogo de futebol. Temos uma vivência única, somos diferentes! E é nessa diferença que crescemos e que enquanto terra nos assumimos!

Como poderemos desenhar o futuro para a tauromaquia no âmbito regional e nacional? É da opinião que é um espetáculo que nunca acabará? Ou poderá conhecer uma outra forma de apresentação?

“Nunca” é uma expressão muito forte!

Se perguntar a qualquer miúdo que goste de futebol se acha que esse desporto um dia vai acabar ou sofrer modificações, ele dirá que não, mas na realidade, ao longo do tempo, tem sofrido alterações.

A tourada também tem sofrido alterações: em termos de regulamentos (o último regulamento é bastante recente); do ponto de vista artístico, as próprias lides têm sofrido alterações com o tempo (há cinquenta anos ninguém sabia o que era lidear); as pegas dos forcados também têm sofrido alterações artísticas (hoje é muito raro assistir a uma pega de cernelha, sendo inclusive considerada apenas para recurso, mas no passado era uma técnica usada e consagrada); a lide a pé esteve mais enraizada em Portugal do que está atualmente.

E se tem sofrido alterações no passado, continuará a sofrer alterações no futuro. Porém, essas alterações só acabarão com as corridas de touros no dia em que todos nos transformarmos em habitantes de cidade, sem qualquer ligação ao campo e à vida rural, comendo apenas em restaurantes fast food, vivendo apenas vidas cinzentas onde o risco é inexistente, mas as alegrias também o são. Só nesse dia deixará de fazer sentido haver uma tourada!

Não será certamente no meu tempo de vida e não será certamente por um decreto de um governo qualquer que a tourada vai acabar. No passado, em 1836, as touradas foram proibidas em Portugal, por um decreto assinado pelo Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Passos Manuel, por ele as considerar, e cito, “um divertimento bárbaro e impróprio de nações civilizadas”. Este decreto-lei foi revogado 9 meses depois! A história é cíclica e as asneiras dos homens também! Nunca será isso que me preocupa. Já o facto de estarmos cada vez mais a ser cidadãos que nada percebem de ruralidade, para mim é muito mais preocupante!

Entrevista a Pedro Raposo, Cabo do Grupo de Forcados Amadores da Moita



A fundação do Grupo de Forcados Amadores da Moita remonta ao dia 6 de agosto de 1905, quando o Grupo fez a sua apresentação na antiga Praça de Touros da Moita, frente a um curro de touros da Ganadaria Manuel Cândido Pires, tendo como cabo João Paiva. O grupo da fundação era constituído por João Paiva (cabo), João Soeiro, João Marujo, João Filipe Carreira, Francisco Marujo, Luís Russo, Manuel Polpol e António Francisco Costa. Atualmente, o Grupo é capitaneado por Pedro Raposo.

Ao longo da história foram várias as corridas em que o Grupo Forcados Amadores da Moita participou, de norte a sul do país e além-fronteiras. Destacam-se as corridas TV em que o grupo participou, obtendo enormes triunfos, e as corridas na sua terra, que têm sempre um sabor especial.

Ser forcado é uma forma de estar na vida! É acreditar em determinados valores como pontos cardiais para seguir um caminho. É possuir um coração frio, capaz de controlar o medo, é ter a capacidade de dar o corpo para ajudar um colega e para ultrapassar situações más da vida. Ser forcado é honrar a jaqueta que vestimos. É ser amigo do amigo, sempre e para tudo. Enfrentar o touro pelos cornos é como enfrentar todos os dias da nossa vida...

Pedro Raposo, Cabo dos Amadores da Moita

Entrevista a Leonardo Mathias, Cabo do Grupo de forcados Amadores do Aposento da Moita



O Grupo de Forcados Amadores do Aposento da Moita foi fundado a 25 de maio de 1975, com uma atuação na praça de touros Daniel do Nascimento. O grupo nasce pela separação de vários elementos dos Forcados Amadores da Moita, em tempos conflituosos. Já passaram mais de 300 forcados pelo Aposento da Moita, muitas amizades foram feitas e grandes momentos foram vividos, escritos na história da tauromaquia. Em 44 anos a pegar touros o grupo levou e elevou o nome da vila da Moita e a imagem do forcado amador a Espanha, França, México, Venezuela, Grécia, Macau e Canadá.

O sentimento de pegar um touro é algo inexplicável, algo que nos transcende como Homens. O representar de uma instituição, de uma vila e de uma tradição é um sentimento de alta responsabilidade, de amor ao grupo e de grande respeito ao touro bravo. Existe medo, claro, mas ao mesmo tempo existe muita adrenalina e uma vontade enorme de superar o difícil e a adversidade que é um animal selvagem chamado touro bravo.

Pegar touros no Aposento da Moita é uma escola de vida, é um exemplo para todas as situações difíceis que algum dia possamos enfrentar. Ficará para sempre incutido em cada um de nós o não desistir, o nunca virar a cara à luta, a alegria por viver, o nunca deixar nenhum amigo para trás e que a união faz a força. Por último, pegamos touros por divertimento, mas, acima de tudo, por pura amizade, união e camaradagem entre todos os elementos.

Leonardo Mathias, Cabo do Aposento da Moita

Entrevista a Luis Procuna, Professor da Escola de Toureio



A Escola de Toureio de Tauromaquia da Moita foi fundada em abril de 2011, mas vem no seguimento da escola já formada há mais de 25 anos.

A Moita tem cerca de 15 bandarilheiros, 6 novilheiros e 4 matadores de touros.

O Toureio a Pé é a base de todo o Toureio. Mestre João Branco Núncio, o mais importante Cavaleiro de todos os tempos, em Portugal e em todo o mundo, dizia que “para melhor se tourear a cavalo, o cavaleiro deve saber tourear a pé”. Isto diz tudo!

Em todos os países taurinos há Escolas de Toureio a Pé, onde se fazem Matadores, Novilheiros e Bandarilheiros.

Em Portugal há mais corridas com cavaleiros e forcados porque as empresas são constituídas, há vários anos para cá, por antigos forcados ou pessoas próximas de cavaleiros (até apoderados). No entanto, os cavaleiros também dependem das Escolas de Toureio a Pé, porque precisam dos bandarilheiros, que se fazem também nessas escolas!

Luis Procuna, Matador de touros e professor da Escola de Toureio da Moita

Calheta: “Município Capital das Fajãs”

“A CALHETA É RICA NAQUILO QUE PODE SER UMA OFERTA TURÍSTICA DE EXCELÊNCIA. NÃO FALTAM TRILHOS PEDESTRES, NÃO FALTAM RIBEIRAS, NÃO FALTAM ONDAS, NÃO FALTAM LAPAS, NÃO FALTAM CAGARROS E OUTRAS AVES PARA ENTRETER O SONO E A VISTA, NÃO FALTAM PRODUTOS; COMO O QUEIJO E ATUM SANTA CATARINA.” EM ENTREVISTA DÉCIO PEREIRA, PRESIDENTE DA CÂMARA DA CALHETA ESCLARECE-NOS SOBRE A RIQUEZA NATURAL E PATRIMONIAL DO CONCELHO.



Faja S. João

Candidatou-se a Presidente de Câmara no ano de 2013. Como vê a sua entrada neste Município? Que prioridades estabeleceu logo de início? Tem encontrado muitas dificuldades no exercício do seu cargo?

A nossa eleição assume hoje enorme importância na medida em que fomos capazes de interromper um ciclo com falta de desenvolvimento. É bem sabido que ciclos muito longos de governação acabam sempre por conduzir a «falências» e a costumes instalados que em nada contribuem para o progresso das comunidades. Por outra parte, não é aceitável, em tempo algum, que gerações sejam propositadamente afastadas dos processos de decisão. Era isso que estava a acontecer na Calheta.

Relativamente às prioridades, fomos muito claros. Trabalhar para dar saúde financeira à autarquia, objectivo amplamente cumprido.

Como é óbvio, o facto do grave passivo financeiro da Câmara pesou em tudo, mas a isso ainda acrescentamos a degradação do património municipal e um parque automóvel em fim de vida. Contudo, fruto do empenho e do rigor depositado na nossa acção, fomos melhorando e actualmente estamos em condições de realizar um conjunto de investimentos em todas as freguesias do Concelho, incluindo a reabilitação urbana da nossa Vila da Calheta.

Como foi sua carreira até chegar à presidência? Sempre fez parte dos seus objetivos ou foi algo que nunca lhe tinha ocorrido? Para aqui chegar, teve de abdicar de algo?

O nosso caminho, depois de regressarmos em definitivo à ilha, foi desde logo direccionado para a preocupação com a nossa terra e o facto de termos ocupado a presidência numa junta



Décio Pereira, Presidente da Câmara da Calheta

de Freguesia durante oito anos permitiu-nos chegar à Câmara com alguma experiência e competência para o desempenho do cargo, e sim tínhamos essa ambição sobretudo porque era indispensável que um grupo novo chegasse à administração do nosso Município. De resto, e como é fácil de entender, o desempenho do cargo ocupa-nos por inteiro, e o tempo para a Família e para o lazer fica curto.

Para haver um ambiente saudável num Concelho, é essencial que a população esteja satisfeita com o seu modo de vida. Quais são as suas principais preocupações para com os munícipes? No seu entender, quais as áreas que necessitam de mais atenção?

A principal prioridade, assim entenda a nossa população, é com a qualidade de vida. Sabemos, não dá votos, mas temos o dever de concretizar esta ideia. Isto não é aceitável. Por outra parte, importa lembrar que os investimentos importantes no que diz respeito ao abastecimento de água remontam aos anos oitenta, tempo do Prof. Nemésio Serpa presidente do Município. Este facto obrigou-nos a preparar um investimento de cerca de € dois milhões de euros, que visa, entre outras coisas, a substituição de condutas, a construção de novos reservatórios, novas adutoras, nova elevatória no atalho de acesso à Fajã do Mero e a delimitação de perímetros de protecção às nascentes.

A este propósito, lembramos ainda que já colocámos 17 sistemas de desinfecção da água por doseamento de hipoclorito, conjunto de meios totalmente inexistente há seis anos.

É importante, cada vez mais, a promoção turística para o desenvolvimento local. O que é que o Município tem feito neste campo?

A Calheta é rica naquilo que pode ser uma oferta turística de excelência. Não faltam trilhos pedestres, não faltam ribeiras, não faltam ondas, não faltam lapas, não faltam cagarros e outras aves para entreter o sono e a vista, não faltam produtos de qualidade, como sejam o queijo e o atum Santa Catarina, que tanto nos distinguem, não falta a tranquilidade e a segurança e muito naturalmente as tão procuradas e promovidas fajãs.

Pela nossa parte, não nos cansámos de promover os nossos produtos, sempre presentes em todos os encontros que realizámos, em todas as festas e em todos os momentos da nossa acção. Lançámos também a marca Calheta, Município capital das Fajãs.

Em 2016 o Município lançou a marca “Calheta – Município Capital das Fajãs”. Qual foi o objetivo do Executivo ao criar esta marca? Quais serão os frutos a colher?

Considerando que somos o município com mais fajãs e com as mais distintas fajãs, como sejam as fajãs da Penedia, Fragueira, Pontas, Vimes, São João, Cubres, Saramagueira, Caldeira de Santo Cristo... instituímos a marca Calheta, Município capital das Fajãs, porque temos a obrigação cívica de reconhecer este extraordinário património e de o respeitar, promovendo a sua conservação, reabilitação e transmissão às gerações que se seguem. Com rigor, a distinção tem que responsabilizar. O que pretendemos é isto, mas também legitimar investimentos e a mesma atenção que outros espaços por esses Açores fora detêm.

As fajãs de São Jorge são Reserva da Biosfera.

Foi uma candidatura que partiu de várias Entidades, uma delas o Município da Calheta. Com que objetivo colaborou nesta iniciativa e qual a reação relativamente ao resultado? Pode-se estabelecer uma relação entre este feito e a economia local?

Hoje assistimos ao «redescobrimto» das fajãs, da sua importância para economia da ilha. Nada que não tenha sido sempre assim. O que está em causa é a ocupação funcional das fajãs no nosso tempo.

Elas são aquele espaço onde o homem soube ser um construtor de paisagem e um hábil gestor da biodiversidade, daí a biosfera e outras classificações. Porém, o que está verdadeiramente em causa é a nossa capacidade para as manter, adequando-as, sem as manchar ao nosso tempo, porventura também condicionar algumas coisas. É, de facto, um património muito invejado. Temos que o cuidar.

Igualmente importante, o Município da Calheta concorreu, no âmbito das “7 Maravilhas de Portugal – Aldeias” a Aldeias Remotas com a Fajã de São João e a Aldeias de Mar com a Fajã dos Cubres.

Foi com grande satisfação, como é de esperar, que estas fajãs passaram às pré-finalistas e que uma delas, nomeadamente a Fajã dos Cubres, conquistou o título de uma das 7 Maravilhas de Portugal.

O que tem a dizer em relação a este marco?

Este reconhecimento, ou se se preferir, esta «eleição» traz consigo não só um orgulho, mas sobretudo mais responsabilidade. Quando somos detentores de algo tão distinto, tão procurado temos de ser capazes, como colectividade política e cívica, de entender que o nosso trabalho é o de salvaguarda. Mostrar, mas mostrar com qualidade e com absoluto respeito pela nossa identidade e por todos aqueles que a construíram.

São 4 anos de mandato, possivelmente nem todos correm como planeado devido aos diversos obstáculos que surgem. O que acha que ficou por fazer? Se for reeleito que ações pretende desenvolver?

É como na vida, ficam sempre coisas por fazer e aparecem sempre coisas que não planeávamos ter que fazer. A vida de uma



autarquia é isto mesmo, uma novidade todos os dias. Porém, e no essencial, como é possível verificar, cumprimos o nosso manifesto.

Para o futuro, o caminho está traçado. A requalificação do espaço urbano na sede do Concelho, que inclui trabalhos de protecção da orla marítima e a criação de novos espaços de trânsito pedonal e de viaturas junto ao mar, a efectiva melhoria da qualidade da água, a criação de infra estruturas associadas ao incremento do fluxo turístico e o engrandecimento sustentado e objectivo da marca Calheta, Município Capital das Fajãs.

Foram muitas as obras/projetos desenvolvidos durante o seu mandato. Outras, encontram-se em desenvolvimento. Quais gostaria de destacar e porquê?

Antes de mais importa lembrar que em quatro anos obtivemos uma recuperação financeira que ronda os sete milhões de euros, abrindo portas, por exemplo, e isto é muito importante, à possibilidade de nos candidarmos a projectos comunitários. Preparamo-nos para submeter o projecto que visa melhorar o abastecimento de água num valor aproximado de dois milhões de euros.

Por outra parte, apostamos na requalificação do nosso património. Lembramos a recuperação do Cruzeiro, do Cemitério Municipal, do Campo de Jogos e do Parque de Campismo. Logo no início do mandato, executámos a obra da Ribeira Acima, da Ponte de São João, dos ramais de Acesso ao Parque da Silveira, da travessa que liga a Gança ao Poejal. Por estes tempos, estamos a concluir o processo de protecção da orla junto à nova Escola Básica e Secundária da Calheta, ao que se segue a requalificação do espaço contíguo. Mais, melhorámos acessibilidades em todas as Freguesias do Concelho e estamos a dar início a um projecto que entendemos ser fundamental para o crescimento da Vila da Calheta que é a abertura da via entre o designado Lacete, ao caminho que liga a Fajã Grande aos Biscoitos.

De resto, já adjudicada está a obra que visa requalificar e ordenar a fajã mais visitada da ilha que é a Caldeira de Santo Cristo e em curso está a conclusão e licenciamento de uma carteira de investimentos para o Concelho, como sejam, entre outros, a requalificação do Porto Novo na Freguesia de Ribeira Seca,

a construção de Sanitários na Fajã dos Cubres, a construção da sede da Junta do Topo, a requalificação do espaço junto a o Cemitério do Norte Pequeno, o projecto de regeneração urbana da sede do Concelho, a conclusão da melhoria de acessibilidades na Freguesia de Santo Antão.

Está satisfeito com o trabalho desenvolvido, isto é, cumpriu com os objetivos estabelecidos? Que balanço final faz?

Estamos satisfeitos, mas muito cientes do que tem que ser efectuado. O trabalho a que nos propusemos está longe de estar concluído. O grande e necessário objectivo deste mandato, reequilibrar financeiramente a autarquia, está cumprido. Agora é tempo do nos empenharmos, em definitivo, na nossa qualidade de vida, na preservação e valorização do nosso excepcional património natural, paisagístico e cultural, na promoção qualificada dos nossos produtos, na criação de infra-estruturas de apoio à visitação e na requalificação da nossa sede do Concelho.

Como é óbvio, continuaremos a olhar para as verdadeiras questões sociais das nossas localidades, para as nossas diferentes colectividades e para o sector agrícola.

Decidiu recandidatar-se a Presidente de Câmara da Calheta. O que o levou a tomar essa decisão?

Temos um projecto, ideias sãs em torno do que tem que ser o futuro do nosso Concelho, da nossa ilha, que passa necessariamente por preservar para desenvolver São Jorge. Todos os que nos visitam enaltecem as nossas extasiantes paisagens, a tranquilidade, o inconfundível sabor dos nossos produtos, a imensidão de cores e de cheiros, o mar e a montanha em namoro, o encanto dum fim de tarde numa das nossas fajãs, entre tantas outros aspectos. Esquecemos, durante décadas, o excepcional capital que dispomos. Não o podemos continuar a fazer, em prole das actuais e futuras gerações.

Lembro, mais uma vez, somos detentores de traços territoriais e identitários únicos que importa não deixar confundir. Mais, temos produtos de excelência que também não podem ser comercializados com «confusão». É por tudo isto, em defesa da nossa terra que nos recandidatamos.

O que deve saber sobre as Touradas e Corridas de Toiros

EXISTEM VÁRIOS TIPOS DE TOURADAS OU CORRIDAS DE TOIROS. AS CORRIDAS DE TOIROS À PORTUGUESA NA QUAL ATUAM CAVALEIROS E FORCADOS. A CORRIDA DE MATADORES É AQUELA EM QUE SÓ ATUAM MATADORES DE TOIROS. A CORRIDA DE TOIROS MISTA É O TIPO DE CORRIDA EM QUE ATUAM CAVALEIROS, MATADORES OU NOVILHEIROS E FORCADOS. AS NOVILHADAS SÃO OS ESPETÁCULOS TAUROMÁQUICOS ONDE ATUAM JOVENS CAVALEIROS PRATICANTES E/OU NOVILHEIROS, OU SEJA, TOUREIROS QUE AINDA NÃO TIRARAM A ALTERNATIVA DE CAVALEIROS OU MATADORES DE TOIROS, O ESCALÃO MÁXIMO NAS SUAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS.



A corrida de toiros à portuguesa é uma das variantes do espetáculo tauromáquico e uma forma de tauromaquia única no mundo. Trata-se de uma corrida de toiros na qual participam Cavaleiros e Forcados e o toiro não é morto. A corrida típica "à Portuguesa" nos últimos duzentos anos é a corrida mista com a presença de toureio a cavalo, pegas e toureio a pé, ou seja, com a atuação de Cavaleiros, Forcados e Matadores, sendo que nas últimas duas décadas a presença dos matadores tem sido mais reduzida.

Além do cavalo, cavaleiro usa vários instrumentos durante a lide são as bandarilhas, que podem ser compridas, curtas ou de palmo. As bandarilhas compridas são usadas no início da lide, pelo cavaleiro. São colocadas no dorso do toiro, normalmente entre 1 a 3. O objetivo é permitir ao cavaleiro aperceber-se do comportamento do toiro e



fixá-lo na lide. Depois desta fase inicial, o cavaleiro passa a usar bandarilhas curtas e, normalmente coloca até quatro, uma de cada vez. Este é o momento fundamental da lide e da criação artística do cavaleiro, além de ser também o mais arriscado. As bandarilhas curtas podem também ser colocadas no touro em pares, o que se chama «colocar um par de bandarilhas». Para terminar a lide alguns cavaleiros colocam uma ou mais bandarilhas de palmo, encerrando a sua atuação.

Os instrumentos de toureio do matador ou novilheiro são os seguintes: Capote ou capa - feito de tecido forte, com duas cores diferentes de cada lado, normalmente salmão na frente e amarelo na parte de trás. Tem cerca de 1,5m e pesa cerca de 5 kg. É usado pelo matador para receber o toiro quando este sai dos curros.

Muleta - pano de lã ou flanela vermelha usada pelo matador para lidar o toiro. No topo, por dentro, possui um estaquilhador (um pau de madeira) que o matador segura para utilizar a muleta.

Ajuda - espada simulada, que o matador usa durante a lide para armar a muleta. Armar a muleta significa colocar a espada por detrás da muleta para aumentar a área de tecido exposto ao toiro. Estoque ou Espada - espada utilizada pelo matador com cerca de 75cm com um punho forrado a lã e camurça.

A pega - é o ato que os forcados realizam num espetáculo taurino, onde desarmados e somente com a força dos seus braços, enfrentam e imobilizam o toiro. A pega, a expressão mais portuguesa de todo o espetáculo tauromáquico, realiza-se no final da lide a cavalo. Dispostos em fila indiana, logo que o forcado da cara cair na cabeça do toiro, surge o primeira ajuda, que o ampara e, logo depois os restantes elementos. A pega está consumada quando o toiro ficar imóvel.

As tauromaquias populares são manifestações taurinas, diferentes das touradas em praça, onde também se lidam ou enfrentam toiros. Normalmente são chamadas de tauromaquias populares ou de rua, porque se realizam na rua, onde intervêm populares, atraindo milhões de portugueses todos os anos. Exemplo disso são as largadas de toiros do Colete Encarnado em Vila Franca de Xira, as Festas das Salinas e do Barrete Verde de Alcochete, as festas da Moita, a Vaca das Cordas em Ponte de Lima, a Capeia Arraiana do Sabugal ou as Touradas à Corda dos Açores.

Podemos apontar como sendo as principais tauromaquias populares em Portugal: as Largadas ou Esperas de Toiros, onde um ou mais toiros são largados pelas ruas e onde os populares desafiam estes toiros. A Capeia Arraiana ou Forcão, manifestação taurina tradicional da região do Sabugal, onde um conjunto de homens constrói um forcão de madeira (instrumento triangular de grandes dimensões) que suportado por um grupo de homens, serve para enfrentar o toiro, nas praças centrais de várias aldeias deste concelho.

A Tourada à Corda, típica dos Açores, em particular da Ilha Terceira, onde um toiro é solto na rua, preso por uma corda ao pescoço, que é segurada por um grupo de homens, os pastores, que evitam que o toiro saia do perímetro definido para a tourada.

A Vaca das Cordas, manifestação exclusiva de Ponte de Lima, em que um toiro, preso por uma corda aos cornos, é guiado por um grupo de homens em redor da igreja, é regado com vinho e depois é levado para o areal, junto da ponte romana, onde os populares desafiam o toiro.

Em Espanha existem muitas manifestações taurinas populares, mas destacam-se a os Recortadores, um espetáculo que se realiza nas praças de toiros mas onde somente intervêm os recortadores, rapazes ou raparigas que, sem qualquer utensílio, executam saltos, acrobacias e recortes tendo de evitar serem colhidos pelos toiros, e os Bous al Carrer, similar às largadas de toiros em Portugal, tal como os mundialmente famosos Encerros de Pamplona, onde os toiros que vão ser lidados na corrida do dia, percorrem as ruas da cidade até entrarem na praça de touros a caminho dos curros.

Em França destacam-se a Corrida Landesa, é uma corrida constituída por recortes e saltos, semelhante à corrida de Recortadores, mas onde se utilizam vacas em vez de toiros. A Corrida Camarguesa, típica da região da Camarga, é uma corrida realizada dentro das praças de toiros, em que os razeteurs (homens que desafiam o toiro) têm de conseguir tirar vários fios que se encontram presos entre os cornos dos toiros.

Na Colombia existem a Corralejas, um tipo de corridas realizadas em praças temporárias, construída para o efeito, onde populares toureiam novilhos.

Fonte: www.touradas.pt

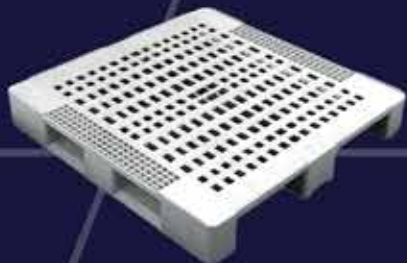
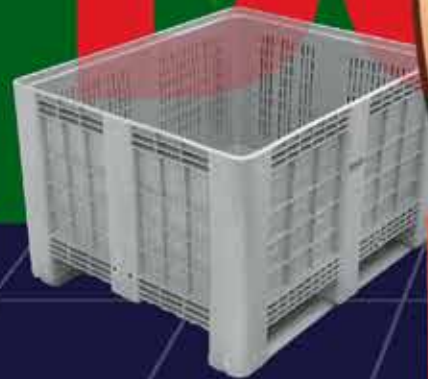


PLASTIDOM

Plásticos Industriais e Domésticos, S.A.

www.plastidom.pt

60



Há **60** anos que a **Plastidom** faz parte da vida de milhares de cidadãos, em **Portugal** e no estrangeiro, através das superiores **Qualidade e Utilidade** dos produtos **DOMPLEX**

Estamos todos de **Parabéns.**



Ciclum

STADA GROUP



Melhor Saúde e Bem Estar.